



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
JORNALISMO

Natan Batista Balthazar

**MARIA ROSALINA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE ARARANGUÁ**

Florianópolis
2025

Natan Batista Balthazar

**MARIA ROSALINA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE ARARANGUÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Colucci Coelho

Florianópolis

2025

Batista Balthazar, Natan

Maria Rosalina: Passado, Presente e Futuro da Comunidade
Quilombola de Araranguá / Natan Batista Balthazar ;
orientadora, Isabel Colucci Coelho, 2025.

78 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo e direitos humanos. 3.
Quilombo Maria Rosalina. 4. Reportagem. 5. Araranguá. I.
Colucci Coelho, Isabel. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Natan Batista Balthazar

**MARIA ROSALINA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE ARARANGUÁ**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 04 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Isabel Colucci Coelho
Orientador/a
Universidade Federal de Santa Catarina

Samuel Pantoja Lima
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Melina de La Barreira Ayres
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,

Insira neste espaço
a assinatura

Isabel Colucci Coelho
Orientador/a

Insira neste espaço
a assinatura

Natan Batista Balthazar
Autor/a do trabalho

Florianópolis, 2025.

Às crianças de Maria Rosalina, que o seu futuro, assim como o de toda comunidade, tenha tanto carinho e cuidado quanto o que me mostraram.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria acontecido sem cada uma das pessoas de Maria Rosalina, portanto o maior, e mais importante, dos agradecimentos vai a cada um de vocês. Espero verdadeiramente que possa estar contribuindo sempre que puder e, deixo registrado aqui minhas intenções de estar disponível para tudo que der e vier. Vocês reconfiguraram o que significa para mim nascer onde nasci. Obrigado pelo acolhimento e enriquecimento pessoal que me providenciaram.

Também é necessário agradecer aos meus mestres. Aos membros da banca, obrigado pelo tempo e paciência de lerem cada uma das páginas deste enorme relatório e por cada uma das melhorias ao trabalho que tenho certeza que providenciarão. À Isabel, minha orientadora, agradeço enormemente por todo o apoio, você foi um verdadeiro “canivete suíço” do jornalismo e nunca me deixou cair pelo caminho, seus conselhos eram capazes de acalmar ansiedades que nem sabia que existiam. E ao Samuca, integrante da banca que por um momento quase foi meu orientador, mas que já era um dos maiores guias durante todo o curso de jornalismo. Além da banca, existem diversos membros do corpo docente que gostaria de agradecer, mas no interesse da brevidade, prefiro apenas registrar que os carregarei para sempre comigo e espero um dia seguir em seus passos. No tópico de mestres, há alguns professores do meu Ensino Médio que adoraria citar um-por-um pela forma que me moldaram, mesmo sem querer, a seguir o caminho que segui. Novamente, opto por ser breve e agradeço a cada um daqueles que me ensinaram, à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a todos os educadores.

Novamente há muitas pessoas que gostaria de enumerar no que se trata aqueles que caminharam ao meu lado. Mas, em especial, preciso destacar Pedro, com quem morei e desbravei Florianópolis juntamente. Em algum momento que nenhum de nós lembramos, decidimos que iríamos morar juntos na faculdade, e embora não compartilhemos mais o mesmo teto, ninguém foi mais importante nesta vivência do que ele.

Depois, aos amigos, a família que construí na UFSC, que são mais importantes do que podem imaginar, vocês provavelmente lerão isso antes do que qualquer outra pessoa, então, se for o caso, saberão que estou falando de vocês. Assim como aqueles que ficaram em Araranguá e me receberam de braços abertos

toda vez que voltei. Então, se a saudade tem rosto, é o de vocês. Em especial para a realização deste TCC, preciso destacar o meu “designer pessoal”, Anthony, sem o qual minha graduação nunca teria acontecido, e o Pedrão, que concretizou parte essencial deste TCC.

Por fim, ao meu pai, quem passou a mim sua ética profissional, responsabilidade e moral, que me instruiu em cada parte de minha jornada e puxou minha orelha quando necessário, talvez as coisas tivessem sido muito mais difíceis sem sua perspectiva, se eu sou o profissional que sou, é graças a você. E também minha mãe, que me ensinou o que é fazer o que ama, mostrou-me como perseguir meus sonhos, e que o mais importante neste mundo é fazer o bem aos outros, algo que norteará minha atuação no jornalismo, se eu sou a pessoa que sou, é graças a você.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se trata do desenvolvimento e execução de uma série de reportagens jornalísticas sobre o Quilombo Maria Rosalina, localizado em Araranguá, Santa Catarina, conhecido na cidade como “Buraco Quente”, nome popular que carrega uma carga histórica de estigmatização e preconceito, associado à ideia de pobreza e carência. O produto final, que também se materializou no desenvolvimento de uma página web, busca reconstruir a trajetória do quilombo, resgatando sua origem, memória coletiva, lutas por reconhecimento e os desafios enfrentados por seus moradores, especialmente no que diz respeito à discriminação territorial, ao acesso a direitos básicos e ao apagamento histórico-cultural. A série de reportagens dá destaque a três momentos na construção de um “perfil” do Quilombo Maria Rosalina: passado, presente e futuro, que formam seus três atos. O trabalho foi realizado através da realização de entrevistas com lideranças locais, moradores antigos, pesquisadores e representantes de órgãos públicos, além da apuração documental e de campo, com o objetivo de garantir uma cobertura sensível, precisa e ética. O conteúdo é estruturado em formato de três reportagens, com ênfase no texto escrito, complementado por fotografias. Ao abordar a história do Quilombo Maria Rosalina sob uma perspectiva de reconstrução e valorização, este trabalho pretende contribuir para o fortalecimento da memória social da comunidade e para o debate público sobre racismo estrutural, exclusão urbana e direito à terra.

Palavras-chave: Jornalismo e direitos humanos; Quilombo Maria Rosalina; Reportagem; Araranguá.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis (TCC) describes the development and execution of a series of journalistic reports about the Quilombo Maria Rosalina, located in Araranguá, Santa Catarina, popularly known in the city as “Buraco Quente” (“Hot Hole”), a name that carries a historical burden of stigma and prejudice, often associated with poverty and deprivation. The final product, which also took shape as a web page, seeks to reconstruct the community’s trajectory by recovering its origins, collective memory, struggles for recognition, and the challenges faced by its residents, especially regarding territorial discrimination, access to basic rights, and historical-cultural erasure. The series of reports highlights three key moments in building a “profile” of Quilombo Maria Rosalina: past, present, and future, its three acts. The work was carried out through interviews with local leaders, long-time residents, researchers, and representatives of public institutions, as well as documentary and field research, aiming to ensure sensitive, accurate, and ethical coverage. The content is structured in the form of three reports, emphasizing written text complemented by photographs. By addressing the history of Quilombo Maria Rosalina from a perspective of reconstruction and appreciation, this work aims to contribute to strengthening the community’s social memory and to fostering public debate on structural racism, urban exclusion, and the right to land.

Keywords: Journalism and Human Rights; Quilombo Maria Rosalina; Reporting; Collective Memory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	JUSTIFICATIVA	17
3	OBJETIVOS	18
4	DESENVOLVIMENTO	19
5	REFERENCIAL TEÓRICO	30
6	DECISÕES EDITORIAIS	33
7	PLANEJAMENTO PÁGINA WEB	35
8	PLANEJAMENTO DA APURAÇÃO	37
9	PROCESSO DE EXECUÇÃO	40
10	DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS	56
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE	61
	ANEXO	76

1 INTRODUÇÃO

A comunidade quilombola Maria Rosalina, localizada em Araranguá, Santa Catarina, representa uma das muitas expressões vivas da resistência negra no Brasil. Apesar de ser oficialmente reconhecida como território quilombola, a comunidade permanece à margem das narrativas institucionais e da visibilidade social. É chamada pela população local de “Buraco Quente”, carregando um estigma de preconceito, exclusão e ignorância histórica, reforçado por uma visão estereotipada construída socialmente, que ignora a riqueza cultural, a luta por reconhecimento e o legado ancestral dos que ali vivem.

Este relatório apresenta o processo de produção um produto jornalístico em formato de uma série de reportagens em texto, com apoio de fotografias, que resgatam a trajetória do Quilombo Maria Rosalina, a partir da voz de suas lideranças, moradores antigos e atuais, especialmente às mulheres e mães da comunidade, cujas histórias são frequentemente silenciadas. As reportagens foram construídas com entrevistas, pesquisa documental e observação de campo. O foco era lançar luz sobre os processos históricos de resistência da comunidade, suas memórias coletivas, os desafios enfrentados em relação ao acesso a direitos básicos e a permanência territorial, e principalmente, sobre a luta cotidiana contra o racismo estrutural e a exclusão urbana.

A escolha por essa pauta surgiu do encontro com uma ex-moradora do quilombo, que procurou o grupo de produções artísticas a qual o autor deste trabalho faz parte com um apelo claro: mostrar à população araranguense e à sociedade em geral que há vida por trás dos muros simbólicos e literais que cercam a comunidade. Essa demanda, somada à vivência prévia no município e o intuito de trabalhar com narrativas sociais e históricas que visam à reparação e à valorização de vozes marginalizadas, motivou a escolha do tema. O formato reportagem foi escolhido por sua capacidade de unir elementos investigativos, descritivos e narrativos, permitindo um foco maior no conteúdo e liberdade em sua estruturação.

Num contexto mais amplo, o projeto se insere em debates urgentes e contemporâneos sobre identidade, pertencimento, território, racismo e políticas públicas. A invisibilidade histórica dos quilombos urbanos, como Maria Rosalina, é reflexo de um projeto estrutural de negação dos direitos da população negra no

Brasil, agravado por práticas jornalísticas que muitas vezes reforçam estereótipos e contribuem para o apagamento de memórias e realidades. Por isso, o trabalho descrito assumiu um compromisso ético e político com uma comunicação responsável, que reconhece o papel do jornalismo como ferramenta de transformação social e de fortalecimento da cidadania.

Ao buscar reconstruir a imagem da comunidade quilombola Maria Rosalina sob uma ótica de resistência, dignidade e valorização, este trabalho pretendia não apenas contribuir para a memória social da comunidade, mas também ampliar o debate público sobre a exclusão histórica e contemporânea vivida por comunidades quilombolas urbanas. Trata-se, portanto, de um exercício de escuta e narrativa comprometido com a justiça social e com o direito à memória e à existência plena.

2 JUSTIFICATIVA

Este TCC justifica-se pelo seu caráter de contribuição social, histórica e comunicacional ao propor uma reflexão sobre o papel do jornalismo na reconstrução de narrativas invisibilizadas, com foco na comunidade quilombola Maria Rosalina. Ao abordar a realidade de um quilombo urbano estigmatizado, o trabalho busca romper com discursos hegemônicos que reforçam preconceitos e exclusões, oferecendo um contraponto baseado na valorização da memória, da resistência e da identidade coletiva. Trata-se, portanto, de um esforço para reposicionar o olhar sobre uma comunidade historicamente marginalizada, contribuindo para o reconhecimento de suas lutas e saberes.

A relevância da apuração realizada está em evidenciar as múltiplas camadas que compõem a história do Quilombo Maria Rosalina, desde sua formação até os desafios contemporâneos de afirmação territorial, temas de grande importância no cenário social e político brasileiro atual. Além de resgatar a memória de um território símbolo de resistência negra, o projeto também pretende fomentar o debate público sobre o direito à terra e à cidadania plena, destacando as desigualdades históricas que ainda afetam comunidades quilombolas urbanas.

A pauta surgiu de uma demanda concreta da própria comunidade para que suas histórias fossem contadas sob uma perspectiva sensível e comprometida com a verdade. Essa aproximação direta busca conferir ao trabalho um caráter ético e

participativo, aproximando o fazer jornalístico das práticas de comunicação comunitária e de reparação simbólica. As reportagens, assim, nascem tanto de um compromisso social quanto de uma motivação pessoal do autor em dar visibilidade a vozes silenciadas e promover um jornalismo que atua como instrumento de transformação social.

Quanto ao formato adotado, a série de reportagens escritas, sua escolha se justifica pela capacidade de articular elementos investigativos, narrativos e descritivos, permitindo uma abordagem aprofundada e contextualizada. Segundo Rocha e Xavier (2013), esse tipo de produção jornalística contribui para a construção de sentidos, oferecendo ao leitor uma compreensão ampliada dos fatos e de suas implicações sociais. No caso do Quilombo Maria Rosalina, tal formato possibilitou a exploração de múltiplas perspectivas, preservando a complexidade das histórias e evitando reduções simplistas que poderiam distorcer a realidade.

Assim, este TCC se fundamenta na crença de que o jornalismo, quando praticado com rigor ético e compromisso com os direitos humanos, é uma ferramenta essencial para o fortalecimento da memória social, da identidade coletiva e da justiça histórica.

3 OBJETIVOS

O principal objetivo deste TCC é narrar e reconstruir a memória coletiva da comunidade, valorizando suas histórias, identidades e formas de resistência, com base em uma abordagem jornalística comprometida com a precisão e o respeito às vozes que a compõem.

O produto final, uma série de reportagens escritas, acompanhadas por registros fotográficos, foi pensado para o público interessado em jornalismo social, comunitário e investigativo, especialmente leitores que buscam compreender as dinâmicas de exclusão, racismo estrutural e resistência cultural no contexto urbano brasileiro. Assim, o grande propósito deste trabalho é oferecer à comunidade do Quilombo Maria Rosalina e à sociedade em geral uma narrativa jornalística que reconheça a realidade desse território.

3.1 Objetivos Específicos

- Resgatar e registrar as histórias de vida, memórias e experiências das lideranças, mulheres e moradores da comunidade quilombola Maria Rosalina;
- Evidenciar os processos históricos de resistência e de construção identitária da comunidade, em diálogo com o contexto social e político de Araranguá e do Brasil;
- Analisar as formas de discriminação e exclusão territorial enfrentadas pelos moradores, discutindo o papel das políticas públicas e do jornalismo nesse cenário;
- Promover uma escuta atenta e respeitosa das vozes quilombolas, oferecendo-lhes um espaço legítimo de expressão e visibilidade;
- Valorizar o jornalismo como instrumento de transformação social, capaz de contribuir para a reconstrução da imagem de comunidades historicamente marginalizadas.

4 DESENVOLVIMENTO

“Durante o período colonial e imperial, milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil como escravizados. Ao fugirem das fazendas, engenhos ou minas onde eram obrigadas a trabalhar, estas pessoas formavam comunidades próprias para viver de forma livre e autônoma.

Essas comunidades eram chamadas de **quilombos**.

Quilombos eram formados não só por pessoas fugidas da escravidão, mas também por indígenas, desterrados e cidadãos em extrema pobreza. Hoje, os descendentes dos habitantes originais dessas comunidades são chamados de remanescentes, e são, também, considerados quilombolas.

O Art. 68 da Constituição Federal de 1988 garante, até os dias de hoje, às terras das comunidades quilombola: *aos remanescentes das comunidades dos*

*quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos*¹.

Em 3 de junho de 2024, a Fundação Cultural Palmares, entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, concedeu ao quilombo urbano Maria Rosalina, em Araranguá, Santa Catarina, seu reconhecimento territorial quilombola².

No município, do lado de fora dos muros do quilombo, a comunidade Maria Rosalina é conhecida por outro nome: **Buraco Quente.**”

Esta passagem abre o do documentário *Há Vida por Detrás do Muro*, escrito pelo autor deste trabalho e cujo roteiro completo está anexado a ele. É a partir de tal produção que o TCC aqui descrito se desenhou. A obra que o inspirou surgiu do contato entre uma moradora originária da comunidade Maria Rosalina, em Araranguá, Santa Catarina, com o grupo de produção cultural *Aurora Produções*, ocasião em que foi proposta a criação de um projeto que buscasse contar a história do quilombo urbano presente no município. O processo de pré-produção se iniciou no segundo semestre de 2024, sendo executado durante o primeiro de 2025, com o resultado final exibido em 28 de junho deste mesmo ano com presença dos representantes da comunidade.

Neste processo, este TCC começou a ser elaborado espontaneamente conforme diferentes faces da realidade vivida pela comunidade Maria Rosalina se revelavam. Com o documentário limitado a meia-hora de duração e construído a partir de depoimentos verbais, logo ficou claro que não seria capaz de incluir diversos recortes históricos e sociais que envolviam Maria Rosalina, além de que, uma vez consultados os representantes do quilombo, estes optaram por demonstrar a realidade presente do local, desconsiderando questões externas, permitindo que uma segunda obra, mais abrangente, fosse criada. Já durante a gravação de *Há Vida por Detrás dos Muros* a comunidade foi consultada sobre a possibilidade deste segundo projeto, a princípio descrito como um livro, com todos estando em acordo e

¹ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República,. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

² FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/comunidades-certificadas/crqs-certificadas-03-06-2024.pdf/view>

dispostos a participar mais uma vez deste processo. A realização do TCC aqui descrito finalmente foi decidida no dia em que o documentário foi exibido, em que a representante da comunidade, Custódia Anacleto, após assistir o primeiro produto, reforçou sua vontade de que uma obra em texto fosse feita.

Assim delimitou-se este TCC, que se propõe a explorar lados da comunidade que por circunstância foram deixadas de fora do documentário, embora o material dele ainda seja utilizado para este trabalho, conforme solicitado permissão dos entrevistados. São recortados então três momentos: passado, presente e futuro. Em execução, eles se materializam como três grandes reportagens veiculadas através de um site a partir do momento que ideia de um livro foi abandonada.

Antes de adentrar nestes três atos, demais contextualização da comunidade Maria Rosalina é necessária. A comunidade, considerada um quilombo urbano seguindo definições modernas³, está localizada cerca de 600 metros do Centro do Município de Araranguá, fazendo fronteira com dois dos bairros com maior custo imobiliário da cidade, Coloninha e Vila São José. Logo, visto que o quilombo ocupa cerca de metade de um quarteirão, seu terreno foi constante alvo de tentativas de desapropriação e vendas forçadas em benefício de construtoras e imobiliárias⁴ em função de sua localização e tamanho privilegiado, hoje tendo menos da metade da extensão que uma vez teve⁵. Somado a isso há uma narrativa institucional que nega a origem quilombola de seus moradores, amplamente desconhecida pelos habitantes do município e priorizando então uma imagem que remove o nome escolhido pela própria comunidade em prol daquele anteriormente colocado pelos padres que lecionam no Colégio a frente: Vila Samaria⁶. Neste contexto, referir-se ao local com este nome ou simplesmente “vila” toma uma conotação semelhante às das outras “favelas” da cidade, e carrega um tom pejorativo, que por si só já fora aplicado em resposta ao ainda mais negativamente lembrado e colocado pela própria população: Buraco Quente. Na prática, esta é a imagem que o quilombo possui mesmo estando inserido em um contexto mais complexo, embora também tenha sim em seu meio todas as vulnerabilidades e idiosincrasias que tais outros

³ ENGLER, Claudia Irene de Oliveira; SALVADOR, Marlene Alves. Quilombos urbanos: a resistência cultural negra nas favelas de São Paulo. Educação em foco / UNISEPE – União das Instituições de Serviços, Ensino e Pesquisa. UNISEPE, 2014. P. 4

⁴ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

⁵ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

⁶ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

espaços trazem, visto que são todas vítimas dos mesmos problemas estruturais. Embora isso não torne Maria Rosalina mais digna de reconhecimento do que estas outras áreas vulneráveis em Araranguá, ela traz consigo a singularidade de sua origem quilombola e localização privilegiada que a torna alvo de diferentes violências. Além de problemas de infraestrutura, segregação social e ser alvo de preconceito estrutural e vigilância policial, elementos comuns entre todas as áreas periféricas não só do município mas de todo o país, o quilombo enfrenta dificuldades próprias ao ter direitos específicos de sua identidade quilombola negados, exclusão histórica de sua origem e espaço territorial de direito questionado. Seria impossível lidar com problemas do macro e que não são únicos do local e seria de viés questionável muito além do âmbito jornalístico priorizar a “Vila Samaria” em relação a outras como a “Favela do UCCA” e “Barranca”, porém dentro do escopo deste trabalho estava fazer o registro cultural do Quilombo Maria Rosalina e de onde este surgiu, para que ao menos dentro do Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) haja um registro factual e apurado das origens da comunidade.

Há de se citar que a relação da comunidade com a instituição de ensino que está a um atravessar de rua em distância, o Colégio Murialdo, é mais complexa que um mero antagonismo, nascido menos da instituição em si e mais de sua posição como escola particular melhor avaliada e, por consequência, de mais alto custo de entrada na cidade, fazendo com que seus alunos sejam principalmente provenientes das famílias mais ricas de Araranguá, que carrega enquanto cidade uma posição política predominantemente conservadora. Porém, ao que se trata do corpo docente e, principalmente, as raízes religiosas da instituição, a relação é mais ambígua e durante a produção do documentário se identificou nos entrevistados reações divididas quanto ao papel dos padres na formação da identidade da comunidade. Para alguns foram figuras fundamentais na sobrevivência do quilombo, incluindo como auxiliares do processo de estadia no terreno que se situa, para outros, contribuintes para seu processo de invisibilização⁷. Essa relação teve de ser citada não apenas pela dicotomia apresentada pelo fato que crianças das duas extremidades do espectro econômico são separadas por 10 metros de distância, o que abre um debate do que é que as torna tão diferentes em condições de vida e oportunidades visto que habitam praticamente o mesmo espaço, mas também

⁷ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

porque é a partir da instituição que surge alguns dos poucos trabalhos acadêmicos a respeito da questão, como o de Antônio César Sprícigo, mestre em história pela UFSC e quem tem em sua bibliografia trabalhos quanto ao processo de urbanização em Araranguá com destaque especial para o quilombo, além de lecionar no colégio a frente, creditando os colegas nos agradecimentos de sua tese de mestrado como “incentivadores e parceiros”⁸. Toda esta passagem busca então justificar a inclusão da escola como também parte do desenho social da comunidade sem vilaniza-la, além de servir como constatação de que há pouca produção acadêmica a respeito não só da comunidade Maria Rosalina, mas também dos indicadores sociais de Araranguá, sua urbanização e socialização.

Com esse contexto é possível retornar a execução do TCC em si e seus já citados três atos de passado, presente e futuro. É deste primeiro que surge a necessidade de abordar a produção acadêmica que diz respeito ao município e o próprio quilombo, já que é impossível falar da construção histórica de Maria Rosalina, tema que norteará a primeira parte deste trabalho, sem falar da formação de Araranguá como um todo e seu processo de territorialização. Além do já citado Professor César Sprícigo, muito da construção da memória histórica do município se deu através da bibliografia de padres interessados em uma história vinculada com a própria religião⁹. *A história de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930*, de Padre Paulo Hobold foi a primeira obra a falar exclusivamente da história da cidade e construiu muito do imaginário histórico dela¹⁰, sendo então uma fonte importante para entender o contexto em que a Comunidade está incluída, mesmo que não seja citada no trabalho final diretamente. A história da migração no chamado Vale do Araranguá também é de grande importância para traçar as raízes dos habitantes originais do quilombo, sendo então o recente *A história do Vale Araranguá*, de Wanderlei S. Gomes Junior, que analisa os anos de 1605 a 1842, um importante referencial. Estas fontes iniciais serviram como um ponto de partida para

⁸ SPRÍCIGO, Antônio Cesar. *Sujeitos Esquecidos, Sujeitos Lembrados: Entre Fatos e Números a Escravidão Registrada na Freguesia do Araranguá no Século XIX*. 2012. Pós-Graduação em História – UDESC, [Florianópolis], 2003. P. 5

⁹ BRONSTRUP, Daniel Alves. *Da rodovia da morte ao devio pela vida: os conflitos socioambientais em torno da duplicação da BR-101 em Araranguá/SC (1995-2011)*. 2012. Pós-Graduação em História – UDESC, [Florianópolis], 2012. P.14

¹⁰ SPRÍCIGO, Antônio Cesar. *Sujeitos Esquecidos, Sujeitos Lembrados: Entre Fatos e Números a Escravidão Registrada na Freguesia do Araranguá no Século XIX*. 2012. Pós-Graduação em História – UDESC, [Florianópolis], 2003. P.46

essa etapa do trabalho e foram somadas a uma pesquisa bibliográfica posterior à finalização do planejamento. A partir disso foi possível fazer uma relação do macro com o micro, associando tais informações com as singularidades de Maria Rosalina, visto que é a história dela que o trabalho busca contar e então é imprescindível que neste “ato” se fizesse presente os depoimentos dos membros mais antigos do quilombo ou seus familiares, que puderam ser interpretados e posicionados com maior entendimento pelo autor deste trabalho na reportagem em si.

Por isso, vale dizer que embora este trabalho não se propusesse originalmente a ser uma produção de jornalismo comunitário, ainda era de suma importância que a comunidade tivesse em suas mãos as rédeas dessa narrativa, portanto, sua participação se tornou progressivamente maior, incluindo uma conexão entre o Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC), projeto de extensão do Departamento de Jornalismo da UFSC, e os jovens da comunidade, que foi de suma importância para a conclusão deste trabalho. Ao falar de passado é importante saber diretamente dos habitantes de Maria Rosalina qual a lembrança compartilhada pela comunidade, quem são as figuras mais lembradas e as histórias mais presentes em seu imaginário. Por isso, foi necessário contextualizar que os moradores carecem de registro documental e sua memória coletiva é principalmente verbal, sendo assim, apresentam incongruências nos relatos cujo a apuração buscou sanar ou, em caso de impossibilidade, registrar as diferentes interpretações de forma coerente.

Deve ser citada também a presença da família Henneman neste contexto, creditados como proprietários do terreno¹¹ em que Maria Rosalina se consolidou e. O nome carrega uma boa imagem por parte dos moradores mais antigos, tendo seu próprio protagonismo na fundação da comunidade e portanto seu histórico carrega grande importância para compreendê-la. Maximiliano Henneman, identificado pelos moradores como aquele que acolheu novos habitantes do que viria a se tornar o quilombo, é uma de três figuras que, antes da apuração, foram premeditadas como as mais importantes para a instalação do quilombo no município, com a própria Maria Rosalina, avó da atual representante da comunidade, Custódia Anacleto,

¹¹ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

sendo uma e Zeca Marcília, a quem é atribuído o título de primeiro morador¹², antes da compra do terreno pelos Henneman, mesmo que essa denominação seja questionada e esteve entre as dúvidas que este trabalho buscou sanar e se deparou com dificuldades em encontrar uma conclusão e, portanto, faz apenas mera menção.

Ainda que este capítulo não se refira exatamente a forma com que o trabalho foi executado, vale dizer nesta contextualização que, embora passado, presente e futuro estejam separados conceitualmente, era impossível apurá-los de forma desconexa, justamente pois são os habitantes no presente que farão o desenho do passado, sendo as entrevistas conduzidas com eles remetentes a ambas as esferas. Esta relação existe também com o futuro através das expectativas de mudança na atualidade, porém se vê mais forte no primeiro ato onde a memória dos habitantes foi o maior referencial para tal.

Já quanto ao presente, muita da apuração referente a ele já se encontrava completa antes da execução do trabalho, proveniente das cerca de dez horas de entrevista conduzidas para o documentário *Há Vida por Detrás do Muro*. Em sua duração de 30 minutos, grande parte do conteúdo seguia inutilizado até o momento, abordando a vivência presente dos moradores do quilombo. Durante as gravações, questões quanto a baixa qualidade de vida foram abordadas amplamente, com os entrevistados trazendo pontos quanto ao saneamento básico precário e a infraestrutura ruim, além do preconceito sistêmico associado ao seu endereço, desencadeando dificuldade na busca por emprego ou o enfrentamento do bullying por parte das crianças ao estudar nas escolas comuns em meio a estudantes de todo município, levando a relatos de um alto índice de evasão escolar. Em função destes dois últimos fatores, os moradores atribuem isso como razão para que a criminalidade se instaure na comunidade. Porém, considerando este tópico de “criminalidade”, o trabalho final veio a questionar este indicativo de forte presença criminal e violência constante, visto que não foi isso que se identificou durante a apuração e que, tal reputação, era meramente uma narrativa de preconceito.

¹² Como na reportagem do G1 disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/05/15/comunidade-quilombola-de-sc-aposta-na-educacao-para-manter-tradicoes-em-meio-ao-crescimento-urbano.ghtml>.

É no presente que se encontra um recorte factual da realidade dos quilombos urbanos no Brasil, com Maria Rosalina sendo apenas um exemplo da realidade dessas comunidades. Nele são apresentadas diversas complexidades referentes ao conceito de terra e identidade histórica, que informam também a violência sofrida pela comunidade no município. Para melhor compreender a questão identitária, foi necessária pesquisa prévia para contextualizar o conflito dos quilombos urbanos ao tentar manter sua ancestralidade viva ao mesmo tempo que precisam se enquadrar em uma sociedade que a nega.

Hall (2008) analisa a desconstrução do conceito de uma identidade integral, originária e unificada, apontando-a então como um processo e não como estado do ser. Parte daí a ideia de manutenção de identidade através de identificação, construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum - neste caso, quilombola - ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, levando desta fundação a um ponto da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão.

A abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado - como algo sempre "em processo". Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, "ganhá-la" ou "perdê-la"; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada (HALL, 2008, p. 106).

Identificando o conceito de manutenção desta identidade é onde se encontram novas justificativas para falar do passado e do presente. Este primeiro em um papel de registro e auxílio a solidificação desta identificação e o segundo para analisar o confronto dela com outra a qual os moradores da comunidade se identificam: Araranguaenses.

Cunha (1987) afirma que há um racismo embutido nas instituições brasileiras, que dificulta ou impede o reconhecimento de povos originários como sujeitos de direito, frequentemente ignorando as formas próprias de organização, conhecimento e justiça dessas comunidades, forçando-os a invisibilizar suas características originárias como condição para acesso à cidadania. Já Carneiro (2005) conceitualiza o "epistemicídio" como uma negação do valor dos saberes tradicionais, levando à perda histórica e cultural desses povos como mais uma forma de apagamento. No caso de Maria Rosalina, é possível identificar não apenas o conflito dos membros da comunidade em relação a sua inclusão e autoidentificação dentro e fora dos muros

do quilombo, mas também um histórico de perda de tradições, com o falecimento das últimas parteiras e benzedeiras tradicionais da comunidade sem que houvesse garantia da passagem desse conhecimento assim como a tradição religiosa que outrora fora predominantemente de matriz africana e hoje é majoritariamente católica, tal qual maior parte do estado¹³.

De modo semelhante, a comunidade enfrenta um ataque à sua própria permanência no espaço, tendo direitos básicos como eletricidade previamente cerceados pelo município como forma de coibição¹⁴. Juntamente a falta de atendimento, invisibilização prévia de seus pedidos de auxílio¹⁵, falta de assistência e alto nível de vigilância policial, são circunstâncias que permitem identificar o quilombo como um alvo de ataque institucional em prol de diferentes interesses.

A relativização do poder digital tem alcance político, principalmente no interior das correntes análises acadêmicas da midiaticização, que costumam cingir-se à eficácia dos efeitos comunicacionais, entregando-se à mera e fascinante descrição de processos técnicos e, conceitualmente, identificando economia de mercado com “sociedade de mercado”, onde a lógica do valor tenta reger a diversidade das possibilidades humanas. É imperativo lançar mão do conceito de pesos e contrapesos quando se confronta o poder digital com as variáveis sociais inerentes à territorialidade do Estado-nação.

Nesse confronto, o espaço humano ainda aberto à historicidade ou ao imprevisível da experiência permite fazer uma distinção entre o que vimos chamando de bios virtual (ou midiático) e a complexa magnitude da biosfera. A tecnologia vigente é fruto de um antropocentrismo que obscurece a amplitude da vida no “organismo planetário”, para além da centralidade humana. Desse modo, a distinção a ser feita é politicamente urgente, pois envolve a dificuldade de articulação das determinações sociais com as determinações naturais, que o avanço do capitalismo predatório (secundado pelo avanço tecnológico) fazia supor que estivessem superadas. (Sodré, 2021. p. 140-141).

Outro ponto a ser destacado quanto ao contexto contemporâneo de Maria Rosalina, são as iniciativas de educação voltada especificamente para as raízes quilombola da comunidade promovidas pelo Movimento Negro Unificado (MNU) e coletivos estudantis pertencentes ao Campus da UFSC em Araranguá e outras universidades próximas. Em 2012, foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares

¹³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/23/22107>.

¹⁴ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

¹⁵ Pré-apuração, informação adquirida com entrevistados.

Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ)¹⁶, que orientaram a implementação da Educação Escolar Quilombola (EEQ), que ditam que o projeto político-pedagógico e o currículo escolar das escolas quilombolas devem considerar as características específicas da comunidade em que estão inseridas, além de priorizar a inclusão de membros da própria comunidade no corpo docente e na gestão escolar. Hoje, os jovens e crianças de Maria Rosalina estudam em escolas comuns sem preocupação com a sua singularidade identitária, enquanto adultos que optaram por retornar aos estudos ou abandonaram os colégios tradicionais anteriormente se dedicam a um estudo que tenta contemplar tais características singulares e tem em seus currículos a devolução desse conhecimento para a comunidade.

As iniciativas de educação escolar voltadas para indígenas ocorreram no Brasil desde épocas coloniais e, de forma sistemática, vêm sendo promovidas como política pública desde as primeiras décadas do século XX, com o objetivo de nacionalizar esse contingente da população, através do ensino da língua portuguesa e de permitir sua assimilação à sociedade brasileira. A partir de 1970, começa a haver uma mudança de paradigma a nortear as políticas de educação escolar para indígenas, culminando na Constituição de 1988 e nas subseqüentes políticas de ensino que reconhecem a diversidade cultural dos povos indígenas e visam oferecer condições para a manutenção desse patrimônio etno-cultural. (Tassinari, 2008, p. 219)

O artigo de Moura; D. Soares; e A. Soares (2022), destaca que, embora a educação escolar quilombola tenha avançado com a implementação da DCNEEQ, ainda existem distâncias significativas entre as normas e a prática nas escolas quilombolas. A partir de uma pesquisa baseada em estudos de outros autores sobre o tema, o trabalho aponta dificuldades na implementação efetiva da EEQ, como a falta de conexão entre as práticas pedagógicas e as diretrizes estabelecidas. As escolas enfrentam dificuldades em envolver a comunidade local, que raramente participa da construção e execução do currículo escolar, resultando em uma desconexão entre a escola e a realidade cultural da comunidade. O artigo também destaca a recorrente precariedade da infraestrutura das escolas, a falta de recursos didáticos e a ausência de formação adequada para os docentes. Os autores observam que, em alguns locais, os professores possuem apenas escolarização de ensino médio ou fundamental, ou até mesmo incompleta. Essas dificuldades

¹⁶ BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf

revelam que as políticas públicas voltadas para a educação quilombola ainda não conseguem garantir a manutenção adequada das escolas nem a construção de currículos que respeitem e valorizem o contexto local das comunidades. Com esse conhecimento, era importante que a apuração deste trabalho estivesse envolvida com a escola presente no quilombo Maria Rosalina para identificar como ela se posiciona dentro do cenário comum identificado na bibliografia previamente citada. Era então de igual importância identificar quem são seus alunos e professores.

Já ao que se trata da última reportagem do trabalho aqui descrito, que se propôs a lidar com o futuro de Maria Rosalina, é necessário entender o funcionamento da demarcação de terras quilombolas. Embora a Fundação Cultural Palmares (FCP) tenha concedido à comunidade o título de reconhecimento quilombola conforme o 4º artigo do Decreto n.º 4.887¹⁷, este é um título de autodeclaração, visto que o FCP não certifica estas comunidades com base em uma avaliação de quem é ou não quilombola. Ao invés disso, respeita-se o direito à autodefinição, conforme estabelecido pela Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹⁸, certificando aquelas comunidades que se declaram como tal.

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003, Art. 2.)

Esta é a primeira etapa de um processo de demarcação definitiva. Uma vez que a autodeclaração esteja concretizada, pode ser apresentada ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) que tem a responsabilidade titular os territórios localizados em terras públicas federais ou que incidam em áreas particulares, sendo então a Secretaria de Patrimônio da União (SPU) a instituição que expede título ou Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU) de acordo com o Decreto n.º 4.887. Para isso é elaborado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RITD) em que são levantadas informações

¹⁷ BRASIL. Decreto n.º 4.887, 20 de novembro de 2003. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm

¹⁸ BRASIL. Decreto 5.051, 19 de abril de 2004. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm

cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas, etnográficas e antropológicas colhidas em campo e junto a instituições públicas e privadas com o objetivo de definir os limites do território considerado quilombola

É no processo de elaboração do RITD que se encontra a situação legal de Maria Rosalina. Segundo uma fonte Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)¹⁹, o instituto atualmente trabalha com o Incra para elaboração do relatório, o que fez com que entrassem em contato com o autor deste projeto após a exibição de *Há Vida por Detrás dos Muros* sobre a possibilidade de colaboração com as instituições na criação do RITD. Este é um processo burocrático e no momento que o planejamento foi escrito, um diálogo mais longo sobre a parceria ainda estava por acontecer. Mesmo com a conclusão desta etapa, o processo de titulação ainda teria de passar pela publicação da portaria de reconhecimento do Incra no Diário Oficial da União e dos estados. Essa ação encerra a fase de identificação do território e é seguida por um Decreto Presidencial de Desapropriação por Interesse Público referente a identificação de imóveis privados no território, que então permite titulação definitiva.

Por se tratar de um processo lento e de alta delicadeza, não cabia a este trabalho cobri-lo completamente ou sequer seria ético interferir de forma que poderia inadvertidamente prejudicar seu andamento. Porém, na etapa de elaboração do RITD se levantava uma possibilidade de trabalho factual que não poderia ser repetido no futuro, com a apuração focada no trabalho em si ou ao menos servindo como ponte entre o Incra e os representantes da comunidade que estavam para ser consultados durante a elaboração do relatório. Teve de ser considerado também que este processo estava sujeito a entraves burocráticos tanto de tempo quanto ao acesso às fontes e informações, inicialmente colocando esta terceira reportagem - futuro - em uma posição incerta e, caso identificada impossibilidade no processo de apuração ou a necessidade de priorizar outras etapas dela dentro do tempo do prazo de entrega, seria a primeira ser cortada do trabalho final. Por conta desses fatores, o terceiro ato deste trabalho foi reconfigurado para destacar outra forma de “futuro”: as crianças da comunidade. Por entraves burocráticos e de tempo, a participação direta de representantes do Incra e Iphan foi omitida no produto final.

¹⁹ Pré-apuração.

Dito isso, a concretização efetiva dessa terceira reportagem já se propunha, em seu planejamento, abordar também os direitos definitivos conferidos a Maria Rosalina em função de sua titulação. Embora estas informações possam não ser de todo interesse do leitor leigo, seu registro e catalogação podem servir de referencial importante para os próprios moradores da comunidade de forma prática, visto que por vezes estão em desconhecimento de seus próprios direitos.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

O formato escolhido para o trabalho foi o de reportagem escrita. Salvo o motivo de maior afinidade do autor, a linguagem escrita oferece facilidade de acesso e reprodução, podendo ser experienciada desde através de materiais impressos à cópias digitais, além de ser mais facilmente arquivada e consultada, o que facilitou a idealização de um site. Desta forma, jornalisticamente falando, o formato de uma série de reportagens foi escolhido, visando através das práticas jornalísticas uma leitura acessível e facilmente compreensível, assim como dispondo de uma estrutura narrativa engajante. O intuito era criar um perfil de Maria Rosalina enquanto comunidade e estruturá-lo de forma a levar ao leitor a conhecê-la mais amplamente o possível e, através disso, auxiliar no processo de manutenção da identidade do quilombo e, para aqueles que não fazem parte dele, desconstruir a narrativa pejorativa prévia em prol de algo condizente com a realidade.

As narrativas produzidas pela mídia incorporam-se ao cotidiano dos indivíduos e passam a fazer parte da grande narrativa de suas vidas, compondo o repertório do sujeito, junto com as informações e formações que recebe das instituições sociais, da família, da igreja, da escola, entre outras [...]. Nessa perspectiva, as narrativas midiáticas têm papel importante na sociedade e na relação entre os interlocutores, participando da forma como os sujeitos constroem o universo e como se veem inseridos nele. (Gonçalves; Santos, 2014, p. 3)

Park (2008), conceitua a notícia - sendo esta a unidade básica de informação do jornalismo (Genro Filho, 1987) - como tendo a função de orientar o indivíduo dentro da sociedade onde vive, que então a transforma. Parte-se da ideia de dois tipos de conhecimento distintos: o conhecimento-familiaridade e o conhecimento das coisas. Quanto mais analisamos e percebemos as relações de uma coisa, mais nosso conhecimento sobre ela se aproxima do conhecimento das coisas. Por outro

lado, quanto menos análise e percepção de relações, mais nosso conhecimento se limita à familiaridade com a coisa. Assim, sabendo-se que os seres humanos tendem a se apegar a ideias a qual são familiarizados, é possível dizer que o conhecimento molda os hábitos de quem o possui. Portanto, este trabalho se propôs a um processo de apuração que confira ao autor um conhecimento adequado que possa então ser transmitido de forma compreensível para o leitor para que este transforme sua própria percepção quanto a comunidade e as dificuldades por ela enfrentadas. Trata-se de um exercício pela busca de empatia através do texto para quem não é parte desta realidade e, para quem é, uma tentativa de representação digna.

Portanto, era preferível que o consumo do resultado final não estivesse atrelado a aparelhos eletrônicos como televisão ou celular e pudesse ser encontrado facilmente em folhas de papel. Portanto, a reportagem foi escrita inteiramente com esse viés, apenas durante sua execução que se elaborou a concepção do site, de forma que o conteúdo não se perdesse em vias físicas. A escolha de uma página web se deu para facilitar o acesso do município como um todo e seu potencial narrativo externo, visando que aqueles que utilizassem buscadores digitais encontrassem uma fonte legítima de informação produzida com aprovação dos moradores do quilombo.

Para tal representação, o processo de imersão na realidade Maria Rosalina por parte do autor se tornou imprescindível. Freire (1968) conceitua o “ad-mirar” como forma de definição do conhecimento: a ação de adquirir para si a realidade a qual está inserido. A ideia implica que o conhecer está inerentemente atrelado à consciência, que por sua vez conduz-se para diferentes aspectos de um objeto de estudo enquanto outras dimensões são negligenciadas, assumindo a impossibilidade de alcançar um conhecimento global da realidade. Assim, é possível dizer que na perspectiva freiriana, o processo de obtenção de conhecimento tem início com a prática social. Esse processo seria fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para a construção do saber e, através dele, aqueles que participam do processo de estudo são convidados a questionar e transformar sua realidade social e pessoal. É um conceito que valoriza a reflexão crítica e, a partir dela, a evolução do conhecimento através da transmissão dele. Então, com a obtenção do conhecimento a respeito da comunidade através dela mesma, o

trabalho se propôs a uma troca tripla entre Maria Rosalina, o jornalista responsável e o leitor em potencial na expectativa que o processo seja enriquecedor para os três.

Vale também dizer que o resultado final não se propunha a fazer um recorte imparcial da realidade, embora se prenda à factualidade. Como a comunidade se encontra em um contexto de vulnerabilidade social e vítima de ataques estruturais históricos, não há motivo de se prender a pontos de vista além daqueles que a representam. Embora figuras de autoridade no município podiam vir a ser entrevistadas de acordo com a necessidade da apuração, não era do interesse do jornalista responsável agir como se a narrativa institucional presente tivesse o condão de legitimar ou refutar a narrativa dos fatos apresentados pela comunidade, pois fazê-lo seria simplesmente dar voz a ideologia burguesa como apontado por Genro Filho (1987). Seguindo as teorias do autor, que conceitua a “ideologia da objetividade” e aponta a informação objetiva como mito, se aponta a impossibilidade do objetivismo puro não como uma limitação, mas como um sinal da potência subjetiva e é tal subjetividade que o trabalho buscava alcançar.

De volta ao formato de reportagem, é através dele que o autor julgou ser mais apropriado a transmissão deste conhecimento, desprendido de entraves técnicos e tecnológicos mais complexos, permitindo que a apuração foque exclusivamente em seu conteúdo, auxiliado majoritariamente por um bloco de notas e gravador. Dentro das quatro classificações de Warren (1998) as três reportagens que compõem esta série se entrelaçam como uma única reportagem de seguimento, algo que inclui um acontecimento anterior com novos fatos presentes e pondera quanto ao futuro, dando continuidade à narrativa sobre fatos que têm potencial noticioso por mais que um dia.

Era então importante colocar em perspectiva a possibilidade de reedição do produto para diferentes formatos, o que foi facilitado por seu estado inicial em texto e levou ao site. Mesmo que o intuito fosse a condução de uma apuração despreocupada com um formato multimídia, deve ser dito que o autor se propôs também a estar equipado com uma câmera fotográfica para a obtenção de imagens que pudessem compôr o corpo do texto, tais quais aquelas antes adquiridas durante a produção de *Há Vida por Detrás do Muro*. Isso considerando a fotografia ocasional uma mídia que não comprometeria a apuração escrita da mesma forma que a captura de vídeo e áudio em alta qualidade poderia, assim como a inclusão de

imagens históricas obtidas durante a pesquisa documental não estava descartada e foi inclusa.

6 DECISÕES EDITORIAIS

As decisões editoriais que orientaram a construção do trabalho sobre o Quilombo Maria Rosalina foram tomadas a partir de uma perspectiva que buscava equilibrar rigor jornalístico, sensibilidade narrativa e compromisso ético com a comunidade retratada. Desde o início, definiu-se que o formato adotado seria o de série de reportagens escritas, dividida em três eixos centrais: Passado, Presente e Futuro, que estruturam a narrativa como um percurso temporal e simbólico da comunidade. Essa divisão não apenas organiza a apuração, mas também reflete o movimento natural da história quilombola: das origens e lutas fundadoras, passando pela realidade atual de resistência, até as projeções e desafios para as próximas gerações.

A primeira reportagem, intitulada “Passado”, tem caráter essencialmente histórico e reconstrutivo. Seu objetivo é resgatar o processo de formação do Quilombo Maria Rosalina e inseri-lo no contexto sociopolítico e geográfico de Araranguá. Para isso, as decisões editoriais privilegiaram a combinação entre história oral e pesquisa documental, dando voz aos moradores mais antigos e cruzando seus relatos com o trabalho de pesquisadores locais, como o professor César Sprícigo e o escritor Wanderlei S. Gomes. A linguagem adotada é mais descritiva e reflexiva, permitindo ao leitor mergulhar na história e compreender as origens de um povo historicamente silenciado.

A segunda reportagem, “Presente”, assume um caráter mais observacional e social. Nela, o foco se desloca para a vida contemporânea do quilombo, explorando temas como a organização comunitária, o papel das lideranças, a relação com o poder público e os desafios cotidianos de manter viva a identidade quilombola em meio a um cenário urbano em transformação. A decisão editorial aqui foi a de adotar uma estrutura de perfil coletivo, em que a comunidade é apresentada como protagonista plural, formada por diferentes vozes que se complementam.

Por fim, a terceira reportagem, “Futuro”, propõe-se a refletir sobre as projeções e expectativas da comunidade. Diferentemente das duas anteriores, esta

parte adota um tom mais ensaístico e interpretativo, construído a partir das vozes das novas gerações do quilombo e de discussões sobre educação, permanência e sustentabilidade. As crianças da comunidade são apresentadas aqui como protagonistas, simbolizando a continuidade da história e a força vital do quilombo. Sua participação na oficina de fotografia promovida pelo Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC), da UFSC, integra o próprio processo narrativo da reportagem, não apenas como registro, mas como expressão autoral. As imagens capturadas por elas compõem o corpo do trabalho, refletindo seus olhares sobre o território, as pessoas e o cotidiano, e ampliando o conceito de voz quilombola para além da oralidade. A decisão editorial foi a de encerrar a série com uma perspectiva de continuidade, destacando a resistência cultural como um ato de futuro. Aqui, o texto se abre a uma leitura mais simbólica, não apenas documentando o que está por vir, mas propondo uma visão de esperança e transformação social.

A escolha de dividir a narrativa em três tempos responde, também, a um critério de legibilidade e progressão emocional. O leitor é conduzido de uma memória coletiva (Passado), a uma vivência presente (Presente), até uma expectativa de futuro (Futuro), em um movimento circular que espelha o modo como a própria comunidade se entende no tempo: uma história que resiste, se reinventa e projeta sua continuidade. Do ponto de vista estético e técnico, a série foi pensada primeiramente para o formato impresso, de modo a permitir que a leitura pudesse ocorrer sem dependência de meios digitais, facilitando o acesso entre os próprios moradores e instituições locais. Somente durante a execução de sua escrita, definiu-se a adaptação do conteúdo para uma página web, com o intuito de ampliar o alcance do material e consolidar um acervo digital legítimo e autorizado pela comunidade. No que diz respeito à linguagem e abordagem, optou-se por uma escrita acessível, porém cuidadosamente embasada, que evitasse tanto o distanciamento acadêmico quanto a superficialidade jornalística. Cada reportagem foi estruturada de modo independente, mas interligada por elementos editoriais de coesão: títulos, subtítulos e fotografias seguem um mesmo padrão gráfico e tonal. Além disso, as aberturas de cada parte trazem relatos reais de eventos vividos pelos entrevistados, reforçando a ideia de que a voz da comunidade conduz a narrativa e as linhas finas das três reportagens são retiradas de provérbios de origem africana.

Por fim, o conjunto das três reportagens forma um retrato completo e dinâmico de Maria Rosalina, que ultrapassa o mero registro factual e se propõe como exercício de escuta e reconhecimento. As decisões editoriais, portanto, refletem o propósito fundamental do trabalho: promover uma compreensão profunda e empática da comunidade quilombola, assegurando que sua história, sua realidade e seus sonhos sejam contados por quem os vive e, a partir disso, compartilhados com quem precisa conhecê-los.

7 PLANEJAMENTO PÁGINA WEB

O processo de idealização do site sobre o Quilombo Maria Rosalina nasceu como uma extensão natural deste TCC, concebido não apenas como um produto complementar, mas como uma forma simbólica e prática de retribuir à comunidade pela parceria estabelecida ao longo da apuração. A ideia surgiu ainda durante a etapa de escrita das reportagens, quando o autor percebeu que, apesar da riqueza histórica e cultural do quilombo, faltava um espaço acessível e legítimo na internet que reunisse informações verificadas, sensíveis e produzidas com a aprovação dos próprios moradores. O site, portanto, foi pensado como um instrumento de visibilidade e memória coletiva, capaz de servir tanto à comunidade, que teria algo concreto que a representasse, quanto ao público externo, especialmente os moradores de Araranguá, que poderiam, a partir dele, encontrar informações verídicas e contextualizadas sobre Maria Rosalina.

Foi nesse contexto que o autor iniciou o planejamento da página, entrando em contato com o designer Anthony Muller e o programador Pedro Henrique Maciel, com quem discutiu o escopo do projeto e fechou os orçamentos. O objetivo era transformar o material produzido nas reportagens em um ambiente digital dinâmico e acolhedor, que mantivesse o espírito jornalístico do trabalho, mas que também respeitasse a identidade estética e simbólica do quilombo. Ainda durante o desenvolvimento do texto final, as etapas de concepção visual e técnica foram sendo estruturadas paralelamente, de modo que, quando a escrita estivesse concluída, o site pudesse ser executado sem atrasos. Assim, estabeleceu-se um novo prazo interno: a finalização das três reportagens até o fim de outubro, para que a equipe pudesse dar início à fase de implementação.

A inspiração temática e de formato por trás do site foi a também série de reportagens, *As Quatro Estações de Iracema e Dirceu*²⁰. A proposta inicial de estrutura foi produzida pelo próprio autor, que elaborou um documento em PDF detalhando ponto a ponto o conteúdo que comporia o site, desde a organização das reportagens em seções até a disposição das imagens e elementos de navegação. Esse planejamento incluiu também o reunir de todo o material textual e fotográfico obtido durante o processo de apuração, garantindo que o produto final refletisse fielmente o trabalho desenvolvido ao longo da pesquisa.

As decisões gráficas ficaram a cargo do designer, em diálogo constante com o autor. Embora este tivesse menos familiaridade com aspectos visuais, o processo foi conduzido de forma colaborativa, com o jornalista oferecendo direções conceituais e editoriais, como a manutenção da identidade da comunidade e o tom narrativo das reportagens, enquanto o designer definia a estética e o layout mais adequados para o conteúdo. Uma vez concluído o projeto gráfico, o planejamento foi repassado ao programador, responsável por concretizar o *front-end* da página web, garantindo funcionalidade, fluidez e acessibilidade.

O site, portanto, consolidou-se como um gesto de devolução à comunidade Maria Rosalina, um espaço de representação legítima e duradoura, onde as vozes quilombolas pudessem ser encontradas, ouvidas e reconhecidas. Mais do que um repositório digital das reportagens, ele se tornou um território simbólico perpetuando o esforço coletivo de preservar a memória e fortalecer a identidade cultural do quilombo diante de Araranguá e do público externo.

A página web já está disponível e foi realizada a compra do domínio "mariarosalina.com.br".

8 PLANEJAMENTO DA APURAÇÃO

O resultado deste trabalho se materializa em três reportagens de uma única série, que buscavam idealmente cerca de vinte páginas cada, com um mínimo de dez estipulado em função de possíveis dificuldades. Ao fim do processo de escrita, as reportagens tinham 15 (passado), 13 (presente) e 10 (futuro) páginas. Todas as

²⁰DIÁRIO CATARINENSE. As quatro estações de Iracema e Dirceu. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/

três organizadas em formato de reportagem e estruturadas em retrancas de acordo com o que foi identificado como melhor para cada uma individualmente. A apuração, redação e edição do conteúdo foi executada toda por um único jornalista com auxílio principalmente de sua orientadora.

Embora a apuração tenha sido executada de forma contínua e universal quanto às três reportagens em função de praticidade visto que uma fonte pôde contribuir para diferentes etapas do produto, a pesquisa programada para cada uma das três reportagens seguiu a estrutura descrita a seguir.

8.1 Planejamento da Apuração - Passado

Pesquisa documental através de uma busca por trabalhos acadêmicos e leitura da bibliografia referente a história de Araranguá previamente citada buscando solidificar o contexto município e do quilombo nele inserido.

Entrevistas com fontes históricas buscando ouvir dos membros da comunidade sua tradição histórica oral e catalogá-la. Duas fontes são dadas destaque aqui: Custódia Anacleto, representante da comunidade, e Maria Silésia dos Santos, moradora mais antiga do quilombo. A família de Maximiliano Henneman, considerado a figura que acolheu os primeiros moradores da comunidade também se inclui aqui, com Maggy Henneman, filha de Maximiliano, e Antônio Henneman, neto, sendo os principais entrevistados. Outras fontes também foram incluídas durante o processo de desenvolvimento.

Entrevistas com historiadores, fontes que deverão embasar o que foi dito pelas fontes históricas dentro de um contexto maior, sendo os entrevistados os autores das bibliografias citadas na pesquisa documental, buscando através do diálogo com eles explicar qualquer incongruência com a história oral. O professor César Sprícigo e a pesquisa do escritor Wanderlei S. Gomes foram as maiores fontes nesse aspecto.

8.2 Planejamento da Apuração - Presente

Apuração in loco, o autor buscava visitar a comunidade diariamente pelo período de no mínimo cinco dias buscando uma imersão maior no contexto da comunidade e com o olhar atento para possíveis fontes adicionais.

Entrevistas com os moradores iniciada a partir daqueles que participaram do documentário *Há Vida por Detrás dos Muros*. Ao todo, sete pessoas foram entrevistadas durante as visitas para gravação do documentário, todas as quais este trabalho buscava revisitar de forma mais calma, dedicando até duas horas para cada e, através delas, chegar em outras fontes. O intuito era conduzir conversas mais informais nas residências dos entrevistados de forma a permitir que diferentes assuntos surgissem através de uma relação de conforto e confiança, possivelmente alcançando outros moradores através disto.

Visita à escola com o intuito de passar pelo menos um dia acompanhando as atividades estudantis e em contato com tanto professores quanto alunos.

8.3 Planejamento da Apuração - Futuro

Pesquisa documental desta vez referente aos processos legais a respeito da titulação do terreno com o intuito de ter um melhor entendimento sobre o assunto.

Entrevistas com autoridades, particularmente com o antropólogo Marcos Farias de Almeida, Analista Pericial em Antropologia pelo Ministério Público especializado em quilombos cujo contato foi recomendado por outra fonte.

Diálogo com Incra/Iphan mediante contato com a fonte que abordou o autor deste trabalho. As especificidades deste item ainda estavam em aberto durante a apuração e dispostas a serem cortadas de acordo com os andamentos.

Destes três elementos citados, apenas o primeiro pôde ser executado, sendo substituídos por outras angulações durante a escrita. O autor deste projeto julga que a apuração que foi de fato executada foi mais proveitosa do que a planejada.

8.4 Planejamento da Apuração - Imersão

No período de recesso letivo entre os semestres 2025.1 e 2025.2, o autor pretendia se dirigir ao município com o objetivo de realizar o quanto fosse possível a apuração mencionada nos itens anteriores. A partir dos sucessos ou falhas deste processo havia de se identificar as pendências no trabalho e constatar a necessidade ou não de retorno ou mais entrevistas. Idealmente, o jornalista responsável buscava dedicar de duas a três semanas neste período de recesso para realizar uma imersão no tema e, caso bem sucedido, dedicar-se até o mês de

dezembro principalmente ao processo de escrita do produto final. Devido a circunstâncias que serão descritas à frente, isso não foi possível.

8.5 Planejamento da Apuração - Execução

Uma vez com a apuração pronta, o autor pretendia que o semestre de 2025.2 fosse dedicado principalmente à escrita do produto final e suas revisões. As três reportagens seriam escritas individualmente e por ordem de leitura, não apenas por ser como o leitor em potencial irá experienciá-la, mas também em função de que a primeira reportagem - Passado - era a que mais requeria trabalho, considerando sua grande demanda de leitura, juntamente ao fato que se trata de uma narrativa histórica que deveria destrinchada de forma coesa. Ao mesmo tempo, o material da reportagem Presente já estava parcialmente preparado e a narrativa nela apresentada traz muito daquela em *Há Vida por Detrás dos Muros*, cujo o autor deste trabalho foi responsável pelo roteiro e já possuía experiência prévia em transpôr as histórias contemporâneas de Maria Rosalina para um formato de narrativa. Quanto à reportagem Futuro, justamente por sua natureza incerta durante o planejamento, além de argumentavelmente ser menos importante para formar um perfil do quilombo, é colocada como a última etapa da redação, iniciada apenas quando as outras duas já estavam em estado satisfatório. Esta suposta menor importância deixou de ser um fator durante a produção e, por motivos da mudança de angulação, se mostrou tão ou até mais que as outras.

8.6 Planejamento da Apuração - Cronograma Previsto

A princípio, a execução, em quesito tempo, deste trabalho, estava dividida da seguinte forma.

- **21 de julho - 10 de agosto:** Imersão. Desenvolvimento empírico inicial.
- **11-17 de agosto:** Início do semestre letivo. Avaliação da imersão.
- **18-31 de agosto:** Apuração adicional mediante necessidade.
- **01-20 de setembro:** Produção reportagem Passado.
- **21 de setembro - 10 de outubro:** Produção reportagem Presente.
- **11-31 de outubro:** Produção reportagem Futuro.
- **01-16 de novembro:** Ajustes e correções. Finalização do relatório.
- **17-21 de novembro:** Entrega versão final para orientadora.

- **24-28 de novembro:** Entrega final para banca.

4.6 Planejamento da Apuração - Orçamento Previsto

Os recursos previstos de antemão, seriam, e foram, financiados pelo jornalista.

Objeto de despesa	Valor
Aquisição de um novo notebook para redação	R\$ 2.800,00
Materiais para produção (celular, câmera)	R\$ 5.000,00
Viagens para apuração (Araranguá, Arroio do Silva e intramunicipal)	R\$ 200,00
Edição e revisão textual	R\$ 1.050,00
Referencial bibliográfico	R\$ 150,00
Softwares	R\$ 200,00
Total estimado	R\$ 9.400,00

9 PROCESSO DE EXECUÇÃO

A seguir, está descrito todo o processo de desenvolvimento do trabalho.

9.1 Pré-Apuração

O processo de pré-apuração deste TCC teve início a partir do documentário *Há Vida Por Detrás dos Muros*, produzido anteriormente pelo grupo *Aurora*

Produções, do qual o autor faz parte. Esse projeto audiovisual foi fundamental para a concepção e desenvolvimento do TCC, servindo como ponto de partida para o aprofundamento da investigação jornalística sobre a comunidade quilombola Maria Rosalina. A definição da pauta surgiu após uma reunião entre a equipe da *Aurora Produções* e as lideranças comunitárias Luciana Gonçalves Mina e Custódia Anacleto, que desempenham papel central na organização e representação política do quilombo. O encontro, gravado apenas para fins de registro e apuração, não teve caráter de entrevista formal, mas foi essencial para compreender as demandas e expectativas da comunidade em relação à produção jornalística. A partir desse diálogo inicial, foram traçados os primeiros caminhos temáticos e éticos que norteariam o desenvolvimento do documentário e, posteriormente, do TCC.

Reconhecendo sua limitação inicial quanto ao conhecimento sobre a temática quilombola, o autor optou por um processo de formação prévia. No semestre 2024.2, cursou a disciplina Identidades e Diversidade (ANT7068), vinculada ao Curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada pela professora Maíra Samara de Lima Freire, doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O conteúdo da disciplina teve papel determinante na abordagem do trabalho, fornecendo embasamento teórico sobre questões de identidade, território, racismo estrutural, memória e pertencimento, orientando o olhar crítico e respeitoso necessário à construção de narrativas sobre comunidades tradicionais.

As gravações do documentário ocorreram ao longo de três dias de trabalho de campo na comunidade, incluindo entrevistas, registros visuais e observações in loco. Foram entrevistadas nove pessoas, entre lideranças, moradores antigos e jovens da comunidade, com o objetivo de captar diferentes perspectivas sobre o cotidiano, a história e as transformações do quilombo. O material produzido nesta etapa contou com o apoio dos integrantes do grupo *Aurora Produções*, Diego Lopes e Léia Batista, que indiretamente contribuíram para este TCC. Além dessas entrevistas, houve uma reunião adicional com Luciana Gonçalves Mina, realizada anterior à gravação do documentário, que não teve o intuito de integrar o produto final, mas de alinhar o conteúdo produzido às vontades e percepções da própria comunidade, reforçando o compromisso ético de construção conjunta da narrativa.

Durante todo o processo de pré-apuração, buscou-se construir uma relação de confiança e reciprocidade com os moradores do Quilombo Maria Rosalina. O cuidado em respeitar tempos, silêncios e sensibilidades da comunidade foi parte fundamental da metodologia adotada, de modo que o jornalismo aqui praticado não se limitasse à coleta de informações, mas se configurasse como um exercício de escuta ativa. Assim, a fase de pré-apuração foi decisiva para estabelecer as bases conceituais, metodológicas e éticas do TCC. Ela proporcionou não apenas o conhecimento aprofundado sobre o contexto quilombola, mas também o fortalecimento de vínculos com a comunidade, garantindo que o produto final, a série de reportagens, fosse construído de forma colaborativa, comprometida com a verdade e com a valorização das vozes que historicamente têm sido silenciadas.

9.2 Imersão

O processo de imersão deste Trabalho de Conclusão de Curso foi um momento incerto e, ao mesmo tempo, transformador da produção. O período originalmente planejado para a permanência do autor em Araranguá, entre 21 de julho e 10 de agosto, precisou ser adiado devido a uma série de imprevistos pessoais e técnicos, entre eles, a perda simultânea dos principais equipamentos de trabalho (celular e notebook), fundamentais para registro, comunicação e escrita. Essa situação inesperada atrasou o início do trabalho de campo e impôs uma reorganização completa da dinâmica de apuração. Novos equipamentos foram adquiridos apenas após o dia 10 de agosto, permitindo a retomada gradual das atividades.

A impossibilidade de realizar a imersão presencial no período planejado fez com que o autor voltasse momentaneamente à etapa de pesquisa bibliográfica e documental, aprofundando o embasamento teórico sobre comunidades quilombolas, racismo estrutural, memória coletiva e comunicação comunitária. Essa fase de leitura intensa, embora nascida de uma adversidade, foi essencial para solidificar o referencial teórico. Durante esse tempo, obras, artigos acadêmicos e documentos institucionais sobre políticas públicas voltadas à quilombos urbanos foram consultados, reforçando o entendimento das especificidades históricas e sociais do Quilombo Maria Rosalina.

Entretanto, essa etapa também revelou uma tensão metodológica importante: o risco de o trabalho se concentrar excessivamente no aspecto histórico e estrutural,

relegando o lado humano da narrativa. Diante dessa constatação, o autor redefiniu a abordagem da apuração, priorizando o contato direto com as pessoas e suas histórias, compreendendo que qualquer reconstrução de memória deveria partir da vivência e da voz dos próprios moradores. Assim, a imersão passou a ser entendida não apenas como presença física no território, mas como um exercício de escuta e empatia, no qual o respeito à experiência dos sujeitos se tornou o eixo central da produção.

Quando a ida a campo finalmente ocorreu (já durante o processo de escrita das reportagens), a imersão no Quilombo Maria Rosalina foi conduzida através de visitas mais breves em função de balancear o desenvolvimento do TCC com demais compromissos acadêmicos e profissionais. As entrevistas permitiram compreender a complexidade da comunidade em sua dimensão social e política. Cada encontro trouxe à tona memórias, dores e conquistas, compondo um mosaico de experiências que ajudaram a reconstruir a história viva do quilombo. Além das entrevistas, o autor esteve em contato constante com as lideranças com propósitos além do desenvolvimento do TCC, fortalecendo os canais de comunicação. Esse diálogo constante possibilitou o registro de aspectos simbólicos e emocionais que dificilmente poderiam ser captados apenas pela leitura de documentos.

9.3 Apuração e desenvolvimento do texto

Diante das dificuldades enfrentadas durante a etapa de imersão e dos imprevistos que comprometeram a presença física no território, o autor precisou reconfigurar o processo de produção. A impossibilidade de realizar, naquele momento, uma apuração completa e presencial levou à adoção de uma estratégia alternativa: antecipar a escrita do material, utilizando o próprio texto como instrumento de diagnóstico. A ideia central foi permitir que as lacunas na apuração se revelassem ao longo da redação, evidenciando quais aspectos careciam de complementação por meio de novas entrevistas e pesquisas.

Com essa metodologia, o autor passou a identificar, de maneira orgânica, os pontos frágeis da narrativa, trechos em que a ausência de informação, de contexto ou de voz da comunidade se tornava evidente. A partir disso, foram conduzidas quatro novas entrevistas, voltadas a suprir as falhas identificadas na estrutura inicial da reportagem. Essas conversas adicionais buscaram aprofundar o entendimento sobre a trajetória histórica do Quilombo Maria Rosalina, bem como sobre as

experiências cotidianas e as formas de resistência dos moradores diante da discriminação territorial e do apagamento cultural.

Apesar desse avanço e do fortalecimento do corpus de fontes, o texto ainda não alcançava a coesão narrativa necessária. O “abre”, o momento inicial da reportagem, responsável por situar o leitor e conduzi-lo ao universo da história, ainda não havia sido plenamente definido. Faltava uma entrada que traduzisse, de forma sensível e simbólica, a essência da comunidade, sua memória e seu pertencimento. Assim, o autor reconheceu que, embora a base factual estivesse mais consistente, o trabalho de apuração seguia em aberto. Era preciso continuar o processo de escuta e observação, até que a reportagem ganhasse corpo, voz e ritmo próprios. Esse momento do processo foi marcado, portanto, por uma dupla construção: escrever para apurar e apurar para escrever. O texto tornou-se não apenas resultado, mas também ferramenta de investigação, um espaço de experimentação jornalística em que o autor, mais do que relatar, buscava compreender a complexidade de um território vivo e em constante transformação.

9.4 Organização de Informações

A organização das informações obtidas ao longo da produção deste trabalho foi uma etapa essencial para a consolidação da narrativa final. Desde as primeiras entrevistas realizadas ainda na fase de pré-apuração, foi percebida a necessidade de estabelecer um sistema metódico de armazenamento e análise dos dados coletados, especialmente por se tratar de uma história marcada por múltiplas vozes, camadas de memória e contextos históricos que se entrelaçam.

Inicialmente, todas as entrevistas realizadas durante o processo de pré-apuração foram decupadas integralmente, com o objetivo de identificar os principais eixos temáticos que orientariam as reportagens. Essa primeira decupagem teve caráter mais exploratório: buscava reconhecer padrões narrativos, recorrências discursivas e aspectos relevantes da fala das lideranças e moradores, de modo a compreender as principais demandas, conflitos e dimensões simbólicas do território quilombola. Com o avanço da pesquisa e o início da escrita, uma segunda rodada de decupagens foi realizada. Nesse momento, o foco se voltou à identificação de lacunas informativas deixadas pela apuração inicial, trechos em que o contexto era insuficiente ou em que as falas precisavam ser revisitadas à luz de novas

descobertas documentais e bibliográficas. Além de suprir essas ausências, a segunda decupagem também teve o propósito de reforçar informações que haviam se perdido ao longo do tempo, seja por falhas de registro ou pelo distanciamento temporal entre as etapas do processo. Esse retorno às entrevistas foi, portanto, um gesto de resscuta: uma tentativa de recuperar nuances, entonações e sentidos implícitos nas falas que poderiam ter passado despercebidos num primeiro momento.

Paralelamente, o material reunido foi sistematizado em pastas digitais, divididas por temáticas, datas e fontes. Essa estrutura organizacional foi fundamental para manter o controle sobre o volume de informações e para facilitar o cruzamento entre relatos orais e registros documentais. Os arquivos foram organizados em três grandes núcleos: Histórico do Quilombo, Fontes Oraís e Pesquisa Bibliográfica, cada um subdividido em pastas específicas que permitiam rápida localização dos conteúdos. Com o intuito de visualizar melhor as relações entre os dados e construir uma narrativa coerente, o autor utilizou ainda recursos de mapeamento conceitual. Através de esquemas e linhas do tempo, foi possível traçar a cronologia da formação do Quilombo Maria Rosalina, relacionando as falas das lideranças às informações encontradas em obras de referência. Essa triangulação entre história oral, documentação acadêmica e registros históricos permitiu validar informações, identificar possíveis incongruências e estabelecer um diálogo entre memória e história.

Por fim, na etapa de redação, esse sistema de organização mostrou-se indispensável. Ele garantiu que a escrita se desenvolvesse de forma fluida e fundamentada, evitando redundâncias e assegurando que cada trecho da narrativa estivesse ancorado em bases sólidas. O processo, portanto, foi mais do que uma simples tarefa técnica de arquivamento: tratou-se de uma ferramenta interpretativa, que permitiu compreender a complexidade do território e traduzir a pluralidade de vozes que compõem as reportagens.

9.5 Produção reportagem Passado

O processo de elaboração da reportagem “Passado” representou o ponto de partida narrativo e emocional da série sobre o Quilombo Maria Rosalina, funcionando como a base sobre a qual todo o restante do projeto seria construído.

Sob sugestão da orientadora, o autor decidiu que o texto deveria abrir com um foco humano forte, um personagem que representasse, de maneira simbólica, a essência da história coletiva. Iniciou-se, então, uma busca dentro da apuração por alguém que pudesse encarnar essa abertura narrativa, alguém cuja trajetória individual sintetizasse o espírito de luta do quilombo.

A escolha recaiu sobre Maria Gorete, personagem que o autor havia conhecido durante a produção do trabalho anterior, *Há Vida Por Detrás dos Muros*. Sua entrevista, à época, foi uma das experiências mais intensas e significativas do processo de apuração, marcada por uma mistura de doçura, força e dor, que deixaram uma impressão duradoura. Gorete, embora não fosse uma liderança formal da comunidade, representava de forma autêntica o cotidiano e as memórias do quilombo, transitando entre lembranças de resistência, dificuldades enfrentadas e pequenas alegrias cotidianas. Dessa forma, a reportagem “Passado” foi iniciada a partir de sua voz, utilizando-a como fio condutor para remontar a origem do Quilombo Maria Rosalina e as histórias das famílias que o formaram. O texto se propôs a revisitar as raízes históricas e afetivas do território, abordando desde os primeiros registros da comunidade até o tempo presente, costurando fatos históricos com relatos pessoais. A narrativa, portanto, alterna entre diversos testemunhos, compondo um mosaico de lembranças que revelam o modo como o quilombo resistiu ao longo do tempo frente às adversidades impostas por fatores sociais, políticos e econômicos.

O processo de escrita foi permeado por um misto de ansiedade e emoção. Com o desafio de equilibrar o rigor da apuração com a sensibilidade necessária para tratar das memórias da comunidade, o autor se dedicou a uma redação cuidadosa, preocupada em preservar o tom oral e a autenticidade das falas. A imersão no ambiente, as anotações de campo e as conversas informais com os moradores foram fundamentais para capturar nuances que pudessem ir além dos fatos, permitindo que o texto ganhasse corpo e alma.

Infelizmente, durante o processo de produção das demais reportagens, o autor tomou conhecimento do falecimento de Maria Gorete, o que conferiu à sua presença na obra uma dimensão ainda mais simbólica. Por isso, ela retorna nas duas reportagens seguintes, primeiro como lembrança, depois como símbolo de

continuidade e memória. Sua história tornou-se um eixo silencioso que atravessa toda a série, conectando passado, presente e futuro.

A primeira reportagem foi concluída em 20 de setembro, conforme o cronograma estabelecido. A partir desse marco, o projeto ganhou ritmo e direção: “Passado” se consolidou como o alicerce da narrativa, um retrato de origem e pertencimento, que não apenas documenta, mas também celebra a existência e a história viva de Maria Rosalina.

9.6 Produção da reportagem Presente

A produção da reportagem “Presente” foi, sem dúvida, a etapa mais desafiadora e delicada de todo o processo deste TCC. Diferente da primeira parte, voltada à reconstrução da memória e ao resgate histórico, esta reportagem tratava de uma realidade em curso, viva, sensível e permeada por tensões políticas e sociais recentes. O desafio, portanto, não se limitava à apuração jornalística: envolvia, sobretudo, a reconstrução da confiança e o respeito aos limites de uma comunidade em um momento de vulnerabilidade.

Durante o período de produção, uma série de acontecimentos no município, envolvendo acusações contra moradores de Maria Rosalina, provocou um fechamento da comunidade em relação a visitas externas. O autor, que até então mantinha uma relação tênue com os moradores, viu-se diante da possibilidade concreta de ter o trabalho interrompido. As lideranças quilombolas, cautelosas com a exposição midiática, manifestaram preocupação quanto ao uso das informações já coletadas, e o autor reconheceu que não faria sentido, e tampouco seria ético, continuar o projeto sem o consentimento e o apoio integral da comunidade. Seguiu-se um período de incerteza. Por pelo menos uma semana, o processo ficou paralisado, sem avanços na escrita ou na apuração, enquanto se avaliava a viabilidade ética e prática da continuidade do trabalho. O próprio autor considerou abandonar o tema do TCC, entendendo que, se o objetivo era contribuir para a valorização e visibilidade do quilombo, isso só seria legítimo com a participação ativa de seus habitantes.

Entretanto, após um período de reflexão e diálogo, as lideranças concordaram que o texto poderia ser escrito, desde que se utilizasse apenas o material obtido até aquele momento. Ainda assim, a decisão não trouxe

tranquilidade ao autor, que via a restrição de novas entrevistas como um entrave à profundidade e ao compromisso que o trabalho exigia. Foi então que decidiu retornar a Araranguá, não apenas como jornalista, mas como parceiro e ouvinte, disposto a reconstruir as pontes de confiança. Essa nova ida ao município foi um novo processo de imersão. Embora pouco tenha sido escrito naquele período, muito foi construído em termos de relacionamento. O autor se apresentou formalmente às demais lideranças quilombolas, visitou o colégio da comunidade, conheceu os educadores e discutiu abertamente as intenções do projeto. Esse gesto de transparência foi essencial para dissipar desconfianças e reafirmar que o trabalho buscava representar Maria Rosalina a partir de suas próprias vozes. Um dos momentos mais significativos dessa fase foi a participação do autor na sessão da Câmara de Vereadores de Araranguá, onde os moradores do quilombo protagonizaram um embate com gestores municipais. A presença do jornalista durante todo o episódio foi determinante para consolidar um vínculo de solidariedade e respeito, marcado pela disposição de contribuir com o que o jornalismo pudesse oferecer, mesmo fora dos limites acadêmicos do TCC. A partir daí, o que antes era uma relação tênue transformou-se em parceria.

Com a confiança restabelecida, o processo de escrita pôde ser retomado. Ainda que os novos diálogos realizados nesse período não tenham sido gravados formalmente, eles contribuíram profundamente para enriquecer a apuração, oferecendo percepções e vivências atualizadas sobre a realidade do quilombo. Foi também neste momento que surgiu a ideia do site, concebido como uma forma de “devolver” à comunidade algo concreto que simbolizasse sua identidade e garantisse o acesso público a informações legítimas sobre Maria Rosalina. A partir dessa proposta, o autor iniciou contato com o designer Anthony Muller e o programador Pedro Henrique Maciel, com quem planejou a criação da página. O projeto começou a ser orçado e estruturado, e a equipe ficou de prontidão para dar início à execução assim que o texto estivesse concluído. Isso redefiniu o cronograma: a reportagem “Presente” precisaria ser finalizada até o dia 10 de outubro, para que o desenvolvimento do site pudesse começar dentro do novo prazo estipulado: o fim do mês.

Correndo contra o tempo, o autor realizou três novas entrevistas. Assim, a reportagem “Presente” tornou-se o coração do trabalho, o elo entre o passado de

resistência e o futuro de esperança. Foi o texto que mais exigiu empatia, resiliência e ética do autor, não apenas como jornalista, mas como alguém comprometido em representar, com verdade e respeito, uma comunidade viva, pulsante e em constante reconstrução.

Sob sugestão de uma colega, o autor decidiu incluir um relato pessoal no texto, resgatando sua própria vivência em Araranguá e suas percepções de infância sobre Maria Rosalina. Essa escolha trouxe um tom mais introspectivo e reflexivo à narrativa, aproximando o leitor da experiência de quem, ao longo da vida, passou de um olhar externo para uma compreensão empática e crítica da comunidade. Essa mudança também foi essencial para contextualizar o olhar do jornalista enquanto parte do próprio território que investigava. Durante esse processo, surgiu a ideia de incluir o Colégio Murialdo mais amplamente na reportagem, instituição que o autor frequentou e cuja proximidade física e simbólica com Maria Rosalina reflete o contraste social e histórico existente entre os dois espaços. A partir dessa inserção, o autor desenvolveu uma pesquisa digital através do *Google Forms* com estudantes do ensino médio do colégio, por meio de um questionário anônimo, que buscava compreender o conhecimento e as percepções dos jovens sobre o que é um quilombo e, especialmente, sobre a comunidade Maria Rosalina. A coleta de 33 respostas superou as expectativas e revelou um quadro de transição: um público mais informado do que em gerações anteriores, mas ainda marcado por resquícios de estigmas e desconhecimento.

A mudança de ponto de vista observada entre os estudantes do Colégio Murialdo, revelada pelo questionário conduzido pelo autor, reflete não apenas transformações individuais, mas também o impacto de um processo social e educacional mais amplo. As percepções mais conscientes e informadas sobre o que é um quilombo e sobre a comunidade de Maria Rosalina são, em grande parte, resultado das políticas públicas de inclusão e representatividade negra implementadas nas últimas décadas no Brasil. Essas medidas foram acompanhadas por avanços em outras esferas, como as ações afirmativas no ensino superior e o fortalecimento de movimentos sociais que reivindicam a valorização da identidade negra e quilombola. O resultado é um ambiente educacional mais atento à diversidade e às desigualdades históricas, que incentiva o debate sobre racismo estrutural, memória e pertencimento. No caso do Colégio Murialdo, essa mudança

se manifesta na percepção dos alunos, que, mesmo com lacunas, demonstram maior compreensão e empatia em relação à comunidade vizinha, um contraste significativo com a experiência de gerações anteriores. Assim, a reportagem “Presente” evidencia como a educação e as políticas de inclusão se tornam instrumentos concretos de transformação social, capazes de reconfigurar visões historicamente marcadas pelo preconceito e pela exclusão.

9.7 Produção da reportagem Futuro

A reportagem “Futuro” foi a última a ser concluída dentro do cronograma previsto para este TCC, finalizando-se no dia 31 de outubro de 2025. Diferente das duas reportagens anteriores, seu processo foi marcado não pela dificuldade de apuração ou por obstáculos externos, mas por uma profunda experiência de troca, aprendizado e envolvimento comunitário. Esta etapa acrescentou ao projeto um caráter de jornalismo comunitário, transformando a relação entre repórter e comunidade em uma via de mão dupla. A proposta inicial previa incluir falas de representantes do Incra, o que acabou sendo substituído por uma escolha mais orgânica e, no fim, mais enriquecedora: a inserção das crianças do quilombo Maria Rosalina como protagonistas. Essa decisão surgiu do entendimento de que elas representam, literal e simbolicamente, o futuro da comunidade, e de que suas vozes mereciam centralidade. Assim, o eixo da narrativa deslocou-se do institucional para o humano e coletivo, uma escolha coerente com os princípios do jornalismo comunitário, que valoriza a experiência, o território e a participação popular como elementos fundantes da comunicação cidadã.

A reportagem se estruturou a partir da oficina de fotografia realizada no dia 18 de outubro de 2025, conduzida por voluntários do Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) da UFSC. O encontro ocorreu na escola do quilombo Maria Rosalina, em Araranguá, e contou com a presença da orientadora do TCC, professora Isabel Colucci Coelho, e dos voluntários Julia Magalhães, Warley Alvarenga, Gabriel Elias e Julia Zanatto.

A metodologia da oficina, no que se refere a este TCC, foi elaborada e dividida em três momentos:

- **Realização da oficina:** momento de apresentação, construção de vínculos e aprendizado prático da fotografia. As crianças tiveram acesso às câmeras,

experimentaram técnicas e saíram para realizar seus próprios registros fotográficos, retornando depois para exibir e comentar as imagens coletivamente.

- **Reflexão e incorporação das falas:** as falas espontâneas das crianças, registradas durante a exibição das fotos, foram transcritas e integradas ao texto jornalístico, dando origem às retrancas “Tirando o racismo e o bullying, tá tudo bem” e “O dia perfeito em Maria Rosalina”.
- **Reflexão sobre o fazer jornalístico com crianças:** a experiência foi posteriormente analisada, destacando a importância de escutar o olhar infantil como forma de compreender o presente e projetar o futuro da comunidade.

A oficina proporcionou um espaço de expressão genuína. As crianças, com câmeras em mãos, registraram o cotidiano e as pessoas que as cercam, revelando afetos e percepções que dificilmente emergiriam em entrevistas convencionais. As falas espontâneas, marcadas por sinceridade e imaginação, também expuseram o peso do racismo e do preconceito enfrentado por elas, evidenciando, ao mesmo tempo, a potência e a vulnerabilidade de crescer em um território quilombola ainda alvo de estigmatização.

Em respeito às legislações que protegem os direitos da infância, todas as mães ou responsáveis legais das crianças participantes foram consultadas individualmente e assinaram o Termo de Consentimento para Uso de Imagem de Menores de Idade, documento elaborado pelo autor e colhido pessoalmente no quilombo, que está no apêndice deste relatório. O termo, redigido conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018), autoriza o uso das imagens exclusivamente para fins educativos, científicos, acadêmicos e jornalísticos, garantindo o respeito à dignidade e ao bem-estar das crianças retratadas

A realização desta reportagem consolidou um vínculo entre o Projeto Jornalismo e Ação Comunitária (JAC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a comunidade quilombola Maria Rosalina, transformando uma atividade pontual em um possível laço de parceria duradouro. A experiência despertou, em ambos os lados, o desejo de manter o contato e desenvolver novas atividades colaborativas, com o compromisso de retorno nos próximos semestres, de modo que o JAC se tornasse um parceiro da comunidade em trabalhos futuros.

9.7.1. Jornalismo Comunitário e Comunicação como Direito

A experiência em Maria Rosalina, especialmente na elaboração da reportagem “Futuro”, concretiza, na prática, as reflexões teóricas sobre jornalismo comunitário e direito à comunicação. Segundo Peruzzo (2007), o jornalismo comunitário é aquele que busca “[...] envolver diversos setores das classes subalternas, tais como moradores de uma determinada localidade desassistidos em seus direitos à educação, saúde, transporte, moradia, segurança [...]. Essa comunicação não chega a ser uma força predominante, mas desempenha um papel importante da democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores, como no fato de se constituir em processo educativo, não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no que fazer comunicacional e nos próprios movimentos populares”. Esse princípio foi vivenciado plenamente durante a oficina, em que as crianças se tornaram produtoras de conteúdo e não apenas objetos de observação.

O compromisso desta inclusão pode ser descrito através de Almeida e Souza (2022, p. 33): “os direitos humanos consistem em um valor fundamental para a vida em sociedade, considerando que seu conceito está fundamentado na inviolabilidade do indivíduo. E mesmo que questionem a importância deles na atualidade, a luta pela proteção da dignidade continuará ocupando o centro das discussões pelo bem-estar social. E, embora seja uma atividade em crise, podemos entender que sempre que houver uma necessidade humana de consumir informação, o jornalismo conseguirá manter a sua necessidade social. A emancipação do sujeito, seja pela luta por direitos, ou por meio de um trabalho jornalístico que ofereça os elementos necessários para o público se apropriar do conhecimento necessário para a mudança social”. Nesse sentido, o trabalho com as crianças do quilombo representou um ato político de visibilidade e reconhecimento, onde o fazer jornalístico foi também uma forma de fortalecer a mudança social.

Já Veiga e Fonseca (2011) alertam que o jornalismo tradicional frequentemente reproduz desigualdades ao privilegiar determinadas fontes e ignorar outras. Ao substituir a presença de agentes institucionais (como o Incra) pelas vozes

das crianças quilombolas, o autor inverteu essa lógica, apostando em uma comunicação horizontal e mais fiel à realidade social da comunidade.

Percebemos os jornalistas muito auto-referentes e pouco reflexivos sobre suas práticas, assim como grande parte dos grupos sociais, refletindo um certo etnocentrismo, na maioria das vezes relacionado aos valores da cultura hegemônica. Pareceram pouco afeitos à relativização, a perceber o significado das coisas nos contextos em que acontecem, a conhecer o “outro” nos seus próprios valores e não nos seus, a compreender que existem outras verdades que “são menos uma questão de essência das coisas, mas uma questão de posição” (Rocha, 1993). O etnocentrismo, aliado aos modos de trabalho dos jornalistas, demonstrou que há pouco espaço para a diversidade de pensamentos e valores que emergem de uma mesma sociedade, na qual estes profissionais se entendem como “bastiões da democracia” (Veiga; Fonseca, 2011, p 192).

9.7.2. Estrutura e Conteúdo da Reportagem

Além das duas retrancas principais, a reportagem “Futuro” incorporou:

- Relatos de moradores mais velhos, refletindo sobre o que desejam para as próximas gerações e sobre a continuidade da luta quilombola;
- Presença do assessor jurídico da comunidade, oferecendo contexto legal e reflexões sobre os direitos territoriais e sociais;
- Um histórico da escola do quilombo, destacando seu papel central na formação das crianças e na manutenção da cultura local;
- Leis e políticas públicas voltadas às comunidades quilombolas, que situam o futuro de Maria Rosalina dentro do contexto mais amplo das garantias constitucionais e da luta por reconhecimento.

A reportagem se encerra com a cena simbólica da oficina: a chuva que cessa e as crianças que, ao olharem pela janela, exclamam: “Tia, parou de chover, a gente pode ir lá!”. Essa imagem sintetiza o sentido maior da narrativa: o futuro de Maria Rosalina é construído por aqueles que, mesmo em meio às adversidades, insistem em brincar, aprender e sonhar.

9.8 Processo de Edição

O processo de edição das três reportagens foi sempre um momento colaborativo. Ele não se limitou à revisão técnica de linguagem ou estrutura narrativa, mas se configurou como um exercício de avaliação de preconceitos enraizados e linguísticos, buscando identificar vícios da profissão na representação

de comunidades vulneráveis. A primeira versão das reportagens, produzida em um ritmo acelerado e ainda muito marcada pelas ansiedades e pressões de prazos, teve de ser repensada. Essa reestruturação não representou um retrocesso, mas um ponto de virada no processo. A orientadora identificou que o texto, embora tecnicamente coerente, ainda não refletia a dimensão humana e coletiva que o tema exigia. Faltava-lhe a escuta, a organicidade e a empatia necessárias para retratar o quilombo como um espaço de vida e não apenas como objeto de observação jornalística.

Após esse marco, o autor iniciou uma nova etapa, mais cuidadosa e reflexiva. Cada reportagem passou, primeiramente, por uma leitura individual aprofundada, em que foram feitas anotações, reestruturações e inserções de trechos que buscavam restaurar o equilíbrio entre contexto histórico, análise social e voz comunitária. A primeira leitura concentrou-se na reportagem “Passado”, cujos ajustes foram especialmente enriquecidos pela colaboração da antropóloga Raquel Mombelli, que auxiliou a refinar o olhar sobre os processos históricos e simbólicos que moldam o quilombo, evitando generalizações e estereótipos.

Na sequência, quando a segunda reportagem, “Presente”, foi concluída, houve uma leitura conjunta das duas primeiras, com o objetivo de assegurar coesão narrativa e continuidade temática entre as partes. Nesse ponto, a orientadora teve papel essencial, suas observações frequentemente expandiam e recontextualizavam a visão do autor, estimulando-o a enxergar Maria Rosalina para além de seu olhar jornalístico, reconhecendo as dimensões subjetivas, culturais e políticas da vivência quilombola.

Com a finalização da terceira reportagem, “Futuro”, foi realizada uma leitura conjunta das três, buscando compreender o produto como um todo. A presença das crianças e a perspectiva simbólica dessa última reportagem trouxeram novos tons e emoções, demandando uma edição especialmente delicada para preservar as falas e espontaneidades dos participantes sem perder o rigor jornalístico. Essa etapa também consolidou o caráter de jornalismo comunitário da série, reforçando que o trabalho deveria servir à comunidade tanto quanto representá-la.

Durante todo o processo, o texto foi revisado diversas vezes pelo autor e pela orientadora, que atuou não apenas como supervisora acadêmica, mas como parceira crítica, sempre atenta à coerência ética do conteúdo e à representação

justa das fontes. O autor também contou com o apoio da jornalista e amiga Júlia Magalhães, que colaborou nas revisões de linguagem e ritmo narrativo, contribuindo com um olhar externo que ajudou a equilibrar o texto entre emoção e clareza. Um aspecto essencial do processo de edição foi a validação comunitária. Duas das lideranças do quilombo, Custódia Anacleto e Luciana Gonçalves Mina, receberam o texto final antes da entrega, para leitura e aprovação. Esse gesto reafirmou o compromisso ético do trabalho com o princípio da devolutiva, garantindo que as pessoas retratadas pudessem reconhecer-se na narrativa e confirmar que suas histórias haviam sido representadas com respeito e fidelidade.

9.9 Orçamento Final

A estimativa dos gastos com esse TCC, após sua realização, extrapolaram o previsto no planejamento.

Objeto de despesa	Descrição	Valor (R\$)
Aquisição de novo notebook para redação	Equipamento essencial para escrita, edição textual e organização do material apurado.	2.800,00
Aquisição de novo celular (Redmi 14)	Substituição necessária após perda do aparelho anterior, utilizado para comunicação com fontes, registro de campo e backup de materiais.	1.200,00
Materiais para produção (câmeras e equipamentos)	Inclusão de uso de quatro câmeras fotográficas da UFSC e uma Canon T6i do autor. Custos associados à manutenção, armazenamento, baterias e cartões de memória.	5.000,00
Deslocamentos para apuração e acompanhamento da comunidade	Aumento de cinco viagens adicionais entre Araranguá e Florianópolis (R\$ 100,00 cada ida e volta), somando R\$ 500,00 ao previsto inicialmente.	700,00
Oficina de Fotografia e Jornalismo Comunitário	Deslocamento de quatro jornalistas de Florianópolis a Araranguá, duração de quatro horas, alimentação dos profissionais e das quinze crianças participantes.	1.500,00

Edição e revisão textual	Revisões sucessivas do texto pelo autor, orientadora e colaboradora externa (jornalista Júlia Magalhães), além da contribuição da antropóloga Raquel Mombelli na edição da reportagem “Passado”.	1.050,00
Referencial bibliográfico	Livros, artigos e materiais utilizados para embasamento teórico e contextual do trabalho.	150,00
Softwares	Licenças de programas de escrita, armazenamento e edição de texto e imagem.	200,00
Proposta e desenvolvimento do site	Planejamento e estruturação do conteúdo pelo autor, contemplando organização textual, fotográfica e narrativa.	300,00
Projeto gráfico do site (Designer)	Criação da identidade visual, layout e estrutura estética da página, em parceria com o autor.	1.000,00
Programação do site (Desenvolvedor)	Desenvolvimento do front-end, hospedagem e integração do conteúdo multimídia.	1.200,00
	Total estimado:	R\$ 15.100,00

9.9.1 Resumo e justificativa do acréscimo

O novo orçamento reflete a ampliação substancial do escopo do projeto, que evoluiu de uma série de reportagens escritas para um produto jornalístico multimodal, com dimensões comunitárias, educativas e digitais.

O aumento total de R\$ 5.700,00 em relação à estimativa inicial (R\$ 9.400,00) deve-se principalmente à:

- Aquisição emergencial de novos equipamentos (celular);
- Ampliação do número de viagens para o município;
- Realização da oficina de fotografia com as crianças do quilombo, momento essencial para a reportagem “Futuro”;
- Criação e execução de um site para devolver o trabalho à comunidade e ampliar seu alcance público.

10 DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

Colocando em perspectiva, este trabalho representa não apenas o produto final de um ciclo acadêmico, mas também o resultado de um processo de amadurecimento pessoal e profissional diante de inúmeros desafios. A construção deste projeto, centrado na comunidade quilombola Maria Rosalina, demandou não só habilidades jornalísticas, mas também sensibilidade humana, paciência e constante reflexão ética.

Entre as principais dificuldades, destacou-se o processo de imersão na comunidade. A princípio, houve resistência à presença externa, especialmente diante de acontecimentos locais que abalaram a relação entre os moradores e a mídia. Esse afastamento temporário gerou apreensão quanto à viabilidade do TCC, uma vez que a realização de um trabalho sobre o quilombo sem o consentimento e a confiança de seus habitantes seria eticamente inviável. O autor chegou a considerar a possibilidade de interromper o projeto, reconhecendo que a narrativa só teria valor se construída em parceria com aqueles que dela fazem parte. A solução para esse impasse veio com o retorno ao território, em um processo de aproximação cuidadosa e respeitosa com as lideranças locais. Foram dias de escuta, diálogo e presença, nos quais o autor se apresentou plenamente como jornalista e como indivíduo, deixando claros seus propósitos. Essa retomada não apenas restabeleceu a confiança da comunidade, como também redefiniu os rumos da apuração, transformando o que antes era uma dificuldade em um dos maiores aprendizados do trabalho: a compreensão de que o jornalismo comunitário se constrói na escuta ativa e na reciprocidade.

Outro desafio significativo foi o gerenciamento do tempo e das etapas de produção. O cronograma inicial foi constantemente ajustado diante dos imprevistos de campo, da necessidade de revisão das entrevistas e da organização do grande volume de informações coletadas. A redescupagem das entrevistas durante o processo de escrita mostrou-se essencial para preencher lacunas da apuração e resgatar detalhes perdidos ao longo do tempo, revelando a importância da persistência e do olhar analítico na fase final de escrita. Para a surpresa do próprio autor, a conclusão da terceira reportagem, “Futuro”, ocorreu exatamente no prazo previsto e este destaca a enorme importância do cronograma feito na fase de planejamento, que serviu como guia e por vezes fonte de tranquilidade ao mostrar

que, mesmo com todos os imprevistos, as etapas ainda estavam dentro do tempo previsto.

Do ponto de vista técnico, a criação do site também apresentou desafios. A idealização da página surgiu como forma de devolver à comunidade um espaço que a representasse e, ao mesmo tempo, como meio de ampliar o alcance do trabalho. No entanto, questões orçamentárias e logísticas precisaram ser resolvidas antes da execução. O autor buscou soluções colaborativas, contando com o trabalho do designer Anthony Muller e do programador Pedro Henrique Maciel, que ajudaram a transformar a proposta visual e textual em uma plataforma acessível. Essa etapa ensinou, sobretudo, a importância do diálogo interdisciplinar e da confiança no trabalho coletivo.

Talvez, no quesito texto, cada uma das três reportagens representou um aprendizado diferente em um âmbito pessoal para o autor. Durante “Passado”, foi necessário perceber a diferença do jornalista para o historiador, algo que a orientadora fez questão de destacar. Dados em cima de mais dados, reconstruções históricas baseadas puramente em informações impessoais, não são o que constroem o jornalismo, por mais que seja um aspecto que o autor aprecie e se identifique. É, na verdade, a dimensão humana, que muitas vezes pode ser perdida na busca incessável por uma apuração sem lacunas, o que realmente provê à reportagem sua singularidade. No que se diz respeito ao “Presente”, o autor foi desafiado a romper com seu próprio preconceito, visto que, tendo crescido no município, tinha em sua mente a ideia de violência associada ao local e isso se refletia em seu texto, mesmo que este tentasse “justificar” tais acusações através das causas sociais da violência. Porém, o que a apuração mostrava não era que o histórico de violência simplesmente deveria ser atribuído a fatores externos e sim, que tal elemento era amplamente exagerado dentro da realidade, e que ao tentar “refutá-los”, acabava por reafirmá-los. A questão não era quais as razões da criminalidade em Maria Rosalina, e sim que essa criminalidade era altamente exagerada e enraizada no imaginário coletivo Araranguense, inclusive no próprio autor, que reestruturou toda sua forma de pensar após questionamento da orientadora: “você fala muito da violência, mas essa violência não aparece em nenhum momento”. A produção da reportagem “Futuro”, concluída exatamente no prazo, foi o ápice dos aprendizados obtidos ao longo do percurso. A parceria com o

Projeto Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) e a realização da oficina de fotografia com as crianças da comunidade transformaram a apuração em uma experiência viva de jornalismo participativo. Foi nesse momento que o trabalho transcendeu sua dimensão individual e passou a ser, verdadeiramente, um projeto coletivo. As mães das crianças foram pessoalmente consultadas sobre o uso das imagens e assinaram o Termo de Consentimento de Uso de Imagem de Menores, garantindo o respeito e a legitimidade ética de toda a produção.

O aprendizado central que emerge deste processo é o de que o jornalismo, quando praticado em sua forma mais humana, é um ato de escuta e devolução. As dificuldades enfrentadas, desde a resistência inicial até os impasses logísticos, mostraram-se fundamentais para o amadurecimento do autor como repórter e como cidadão. A experiência em Maria Rosalina revelou que o papel do jornalista vai muito além de relatar fatos: é, antes de tudo, o de construir pontes entre mundos, contribuir para o reconhecimento de identidades e devolver às comunidades o direito de narrar suas próprias histórias. Assim, mais do que um TCC, o resultado final se tornou uma lição de vida e de ofício. Entre erros, recomeços e descobertas, consolidou-se a certeza de que o jornalismo é, sobretudo, um exercício de empatia, respeito e compromisso com o outro, valores que acompanharão o autor em toda a sua trajetória profissional.

O autor pretende manter-se próximo à comunidade quilombola Maria Rosalina, dando continuidade ao vínculo construído ao longo deste trabalho. A intenção é realizar novas visitas ao quilombo, acompanhando o desenvolvimento das ações locais e colaborando, sempre que possível, na divulgação de suas pautas e conquistas. Em parceria com o JAC, o autor planeja participar de futuras oficinas e projetos de comunicação, fortalecendo o papel do jornalismo como ferramenta de apoio e representação social. Mais do que um desdobramento acadêmico, essa continuidade reflete um compromisso pessoal e ético de permanecer ativo na luta da comunidade, contribuindo com suporte jornalístico e ajudando a manter viva a voz de Maria Rosalina na esfera pública.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela Cavalcanti Carneiro; SOUZA, Lynara Ojeda de. Reflexões sobre a importância dos direitos humanos e jornalismo na atualidade. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e77462>

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021

CARNEIRO, S. A. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

BRONSTRUP, Daniel Alves. *Da rodovia da morte ao desvio pela vida: os conflitos socioambientais em torno da duplicação da BR-101 em Araranguá/SC (1995-2011)*. 2012. Pós-Graduação em História – UDESC, [Florianópolis], 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Os direitos do índio: ensaios e documentos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ENGLER, Claudia Irene de Oliveira; SALVADOR, Marlene Alves. *Quilombos urbanos: a resistência cultural negra nas favelas de São Paulo*. Educação em foco / UNISEPE – União das Instituições de Serviços, Ensino e Pesquisa. UNISEPE, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos. *Reportagem: narrativa em muitos estilos*. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2014.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2014.

MOURA, Camila Batista Gama; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Educação escolar quilombola em debate*. Cadernos de Pesquisa,

São Paulo, v.52, artigo e09773, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053149773>

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. Lumina, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20989. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989>.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. Rumores, v. 7, n. 14, p. 138, 2013.

ROCHA, E. P. G. 1993 O que é etnocentrismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 124 p.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos em cena... e as teorias por onde andam? Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 9, 1998.

SPRÍCIGO, Antônio Cesar. Sujeitos Esquecidos, Sujeitos Lembrados: Entre Fatos e Números a Escravidão Registrada na Freguesia do Araranguá no Século XIX. 2012. Pós-Graduação em História – UDESC, [Florianópolis], 2003.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. A educação escolar indígena no contexto da antropologia brasileira. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 217–244, 2008. DOI: 10.5007/2175-8034.2008v10n1p217. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2008v10n1p217>.

VEIGA, Márcia da Silveira; DA SILVEIRA FONSECA, Virgínia Pradelina. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. Verso & Reverso, Porto Alegre, v. 25, n. 60, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2011.25.60.05>

APÊNDICE

Roteiro de *Há Vida Por Detrás dos Muros*, escrito pelo autor deste trabalho graças a experiência adquirida durante o curso.

(Imagens a serem capturadas, moradores de Araranguá em frente ao quilombo)

Araranguaenses são questionados:

- Você sabe o que é um quilombo?
- Você sabia que em Araranguá tem um quilombo?

Exemplo: “Não sei, nunca ouvi falar...” (Repete três ou quatro vezes com pessoas diferentes)

(Tela escurece, sobe trilha)

*Trilha anda a ser decidida, fica a cargo da produtora/editor.

(Imagens em off da entrada do quilombo, de longe)

Texto na tela:

*Texto deve ser mostrado de forma progressiva, talvez “digitado na tela”, dramaticamente.

“Durante o período colonial e imperial, milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil como escravizados. Ao fugirem das fazendas, engenhos ou minas onde eram obrigadas a trabalhar, estas pessoas formavam comunidades próprias para viver de forma livre e autônoma.

Essas comunidades eram chamadas de **quilombos**.

Quilombos eram formados não só por pessoas fugidas da escravidão, mas também por indígenas, desterrados e cidadãos em extrema pobreza. Hoje, os descendentes dos habitantes originais dessas comunidades são chamados de **remanescentes**, e são, também, considerados quilombolas.

O Art. 68 da Constituição Federal de 1988 garante, até os dias de hoje, às terras das **comunidades quilombola**:

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”

Em 3 de junho de 2024, a Fundação Cultural Palmares, entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, concedeu ao quilombo urbano Maria Rosalina, em Araranguá, Santa Catarina, seu reconhecimento territorial quilombola.

No município, do lado de fora dos muros do quilombo, a comunidade Maria Rosalina é conhecida por outro nome: **Buraco Quente**.”

(Entra o título, preferencialmente de forma animada)

HÁ VIDA POR DETRÁS DOS MUROS

(Tela escurece)

(Entra Custódia)

(MVI6938-4 minutagem 10:44 até 10:50)

- Hoje eu sou a “tia tóda” de todo mundo. Desde o pequenininho até o grandão.

Lowerthirds: Custódia Anacleto, representante do quilombo, nascida na comunidade.

(Imagens da entrada no quilombo com a Custódia)

*Aqui fica a cargo do editor como intercalar imagens em off com as da entrevista.

(MVI6938-4 - minutagem 11:16 até 11:44)

- Eu to uma vez por semana. Não, de quinze-em-quinze dias eu to lá dentro, ajudando. Mas todos me chama de tia, eu vou pra lá eu brinco com eles, eu levo café. Eu e mais dez professoras.

(MVI6938-4 - minutagem 00:33 até 00:44)

- A infância lá é muito boa... ERA muito boa. Hoje... (mostrar ela falando nesse trecho)

(Entra Maria Silesia)

(MVI6943-2 minutagem 00:15 até 00:25)

- Eu nasci aqui, me criei aqui, me casei aqui, criei os filhos tudo, vou fazer 75 anos.

Lowerthirds: Maria Silesia dos Santos, mais antiga da comunidade.

*Confirmar nomes por escrito com a Custódia

(MVI6943-2 minutagem 01:55 até 01:59)

- Eu, minha opinião, eu quero morrer aqui, sabe.

(Entra Maria Gorete)

Lowerthirds: Maria Gorete, filha de Maria Silesia.

(MVI6945-4 minutagem 01:50 até 2:53)

- Crescer foi muito bom. Assim, eu tive infância até os 10 anos, nós brincava, subia nas goiabeiras. Cortar parte que ela fala do terreno da casa, focar na infância. A mãe chamava por uma porta e nós entrava pela outra, se não o pai pegava nós pela orelha. Assim, sabe aquela brincadeira de corda, de bola, de futebol. Meu pai era técnico do nosso time de meninas. A gente tinha até time de mulheres que jogavam bola, e eram as meninas aqui do quilombo, eu, minha prima, as irmãs da tia Tóda. Tem umas que faleceram, outras tão vivas, mas foi muito bom.

(MVI6945-4 minutagem 04:30 até 04:40)

- Sabe assim, foi uma infância curta porque depois eu logo comecei a trabalhar de babá para ajudar a mãe, né? Mas foi muito bom.

(Entra Custódia)

(MVI6938-4 minutagem 16:30 até 16:56)

- “Samaria” foi os padres que botaram esse nome, pra tirar Buraco Quente. Buraco Quente era por causa das brigas, então foi a população que botou. E Maria Rosalina, a Rosalina é minha avó e Maria é porque tem muita Maria.

(MVI6938-4 minutagem 17:02 até 17:15)

- Rosalina foi uma mulher muito guerreira, ajudava todo mundo ali dentro. Ela fazia parto, ela benzia e ela dava remédio.

(Volta Maria Silesia)

(MVI6943-2 minutagem 04:55 até 04:57)

- Parteira era com a Mariazinha, que morreu.

(MVI6943-2 minutagem 05:03 até 05:11)

- Eu me lembro que eu ganhei cinco filhos com ela. Parto normal. Foi ela que me atendeu.

(Volta Maria Gorete)

(MVI6945-4 minutagem 00:25 até 00:30)

- Eu fui a primeira da mamãe com a Mariazinha. **Tem que tirar as minhas falas respondendo ela no meio dessa frase, se possível.** Se não fosse a Mariazinha eu tava morta, tá? Porque eu nasci toda passada do tempo e a mãe também quase morreu.

(Tela escurece)

(Entra Antônio)

(MVI6931-2 minutagem 04:40 até 05:03)

- Eu tenho comigo que a Mariazinha, primeira moradora, foi trabalhar como empregada da casa do meu avô e ele permitiu que daí, pela proximidade, ela morasse ali e depois outras pessoas, como era uma área razoável, solicitaram permissão para também ali se instalar e ele foi permitindo.

Lowerthirds: Antônio Hennemann, neto do proprietário original do terreno.

(MVI6931-2 minutagem 05:15 até 05:37)

- Veio uma série de moradores começaram a se estabelecer até que meio que lotou, né? Sem oposição dele, pelo contrário, com a permissão dele enquanto vivo e depois sem oposição dos familiares, dos descendentes dele, porque sabia que aquilo ali era uma obra dele. Deles, dele e da avó. Ele não faria sem a vó autorizar.

(Fotos de Maximiliano)

Texto na tela:

“Maximiliano Henneman

Conhecido como **‘seu Max’**

Permitiu que o quilombo se estabelecesse no terreno”

(MVI6931-2 minutagem 00:31 até 00:38)

- Falar de meu avô me deixa arrepiado, tamanho meu carinho por ele.

(Volta Custódia)

(MVI6938-4 minutagem 03:26 até 03:40)

- Pessoa muito boa, assim do que eu lembro dele. Ele acolheu preto, branco, ia acolhendo todo mundo. Uma pessoa muito boa mesmo.

(MVI6938-4 minutagem 04:46 até 05:05)

- Ele era uma pessoa que toda sexta-feira ele dava comida, dava rancho, era assim. Se a pessoa estava com problema pra comprar um remédio ele também dava, comprava.

(Volta Maria Silesia)

(MVI6943-2 minutagem 06:06 até 06:23)

- O seu Max era uma bela pessoa. Às vezes faltava água, nós ia lá pegar água lá na casa dele. E ele ajudava, né? A vez tem pessoa que ia lá que ele ajudava. Pedia um dinheirinho, ele dava. Mas foi bom.

(Volta Antônio)

(MVI6931-2 minutagem 01:02 até 01:46)

- O meu avô, natural do interior do Rio Grande do Sul, casou com minha avó, Judite, em Porto Alegre, onde ele teve seus filhos todos. Ele estava lá teve até uma uma condição de empresário e depois mudou para ramo da contabilidade e a convite de Carlos Belinzoni veio para Araranguá para trabalhar junto ao moinho que eles tinham aqui. Ele veio inicialmente sozinho para adquirir terreno, construir uma casa e depois trouxe a esposa e nove filhos para Araranguá, isso no final dos anos 40.

(MVI6931-2 minutagem 02:43 até 03:00)

- E e daí ele se envolveu com o município, né? Pela cultura que ele tinha, pelo conhecimento que ele tinha, pelo cargo que ele ocupava, acabou se envolvendo até chegar ao cargo de vereador em 66, não remunerado, por sinal.

(MVI6931-2 minutagem 03:30 até 03:53)

- Ele nunca deixou ninguém passar na frente dele, dizer tu com fome, ele não dá um dinheirinho ou um pacote de pão, 1 litro de leite. Ele sempre teve essa noção do social na vida dele. Tanto ele com a permissão da avó, porque quem mandava nele era a avó Judite, né? Bem entendido, não adianta dizer que é um grande homem que se não tem uma grande mulher do lado.

(MVI6932-3 minutagem 01:46 até 01:55)

- Aquele vasinho que tá lá era vasinho da florzinha do meu avô, que ele botava do lado da nossa Senhora mãe dos homens todo dia uma florzinha nova.

(MVI6932-3 minutagem 01:56 até 01:58)

- E essa aqui é onde ele faleceu.

(Imagens da cadeira)

(MVI6931-2 minutagem 20:34 até 21:00)

Dar uma editada na fala nesse trecho pra ficar mais fácil a compreensão e cortar intervenções externas.

- Ali no centro ele adquiriu esse terreno. Para a comunidade eles fizeram usucapião, através dos padres. Com auxílio dos padres eles foram fazer usucapião e nenhum Henneman contestou.

(MVI6931-2 minutagem 18:30 até 19:10)

- Foi um caminho natural. Ele foi deixando morar e foi deixando passar o tempo e era a vontade dele. Nós percebemos, os herdeiros do meu avô perceberam isso para não se opor, tá? Então nunca houve conflito da família Hanneman com os moradores dali. Nunca. Se alguém falar diverso disso, olha, manda falar comigo. Deixar a risada dele no final.

(MVI6932-3 minutagem 04:17 até 04:20)

- Eu convivia lá, eu fui lá, eu ia lá.

(MVI6932-3 minutagem 04:15 até 04:17)

- Era muito bacana, era muito bom.

(MVI6931-2 minutagem 17:35 até 17:42)

- Mas a visão dos habitantes daqui não era essa recepção, de respeito.

(Escurece a tela)

(Volta Custódia)**(MVI6938-4 minutagem 07:12 até 07:22)**

- Agora a pouco tempo queriam tirar eles de lá né. Por causa do lixo, porque era sujo, a cor também né.

(MVI6938-4 minutagem 06:36 até 06:56)

- Tem gente que não passa lá na frente, não passa até hoje, com medo, né? Porque eles têm outra visão, né? Eles nunca entraram lá dentro, mas eles julgam sem ver, né? Porque as pessoas lá também são gente. **Dar uma editada pra deixar mais compreensível essa parte.**

(MVI6940-5 minutagem 05:35 até 06:00)

- Assim a gente tá numa calçada, uma pessoa que sabe que é dali de dentro, elas atravessam a rua, elas têm medo ou vai passando uma senhora, isso já aconteceu comigo, ela pega a bolsa e sai. Eu fico fico sentida, sabe? Pega a bolsinha assim e sai com medo, né?

(MVI6938-4 08:44 até 08:46)

- Ninguém conseguiu se formar

(MVI6938-4 minutagem 08:49 até 08:52)

- Porque era dali da comunidade.

(MVI6938-4 minutagem 09:02 até 09:10)

- A gente entrava lá dentro a “negra do buraco quente”. Era essas coisas feias que diziam pra gente.

(MVI6938-4 minutagem 09:32 até 09:41)

- Ai era chamado de negro, ou “tu mora no buraco quente”, ai a gente não ia mais pra aula.

(MVI6938-4 minutagem 11:37 até 11:55)

- Mas tudo que me fez chegar até onde eu to foi muita fé e lutar pelas crianças. E eu quero ver se deus me dá mais uns aninhos porque eu quero ver aquelas crianças formadas.

(MVI6940-5 minutagem 07:42 até 07:53)

- Na faculdade já tem quatro pra se formar esse ano, e ano passado formaram não sei se foram três. Então tudo voltaram a estudar.

(MVI6940-5 minutagem 08:38 até 09:21)

- Eu a minha vida toda eu fui babá e faxineira, mas eu me orgulho disso, porque as pessoas que eu trabalhei eram muito boas e as crianças que eu criei hoje já são

mães. Os meninos, pais. Hoje onde me vêem é uma alegria. E é um orgulho para mim isso. Aí eu tenho as filhas: "Ah, mãe, mas isso para nós não dá, né?" Eu digo: "Então, vou estudar, né?" Porque a mãe não tem oportunidade de estudar porque também era meia sapeca, né? Aí vai fazer o quê? Vocês aproveitem.

(MVI6938-4 minutagem 12:00 até 12:34)

- As mães cuidam delas sim. Só aqui assim, é fora dali, não é lá dentro o problema. Aí eles falam que brigam com eles na escola, que chamam de negro. Aí, eu tento conversar com eles, né? levar um pouquinho de amor para eles também, né? Para eles acreditarem que tudo vai dar certo.

(Escurece a tela)

(Entra Solange)

(MVI6952-11 02:26 até 03:08)

- Eu entrei no colégio para ensinar meus meninos, né? E esse era o meu foco. Ensinar, entrar no colégio para ensinar meus meninos, que eu não sabia mais nada, né? Fazia tempo que eu não estava estudando mais. Aí eles vinham com tarefa para dar do colégio para mim e eu não conseguia fazer. Daí eu disse: "não, eu vou entrar no colégio, vou aprender, eu vou passar para vocês". Aí tem gente aqui que está estudando agora também, meu filho agora tá estudando lá no no colégio do quilombos, já que ele já passou da idade, aí não estudou no colégio normal, tá lá. Os meus outros tão no colégio normal. Mas eu assim, eu eu tô incentivando eles a aprender, porque se a gente não aprender, a gente não vai ter um um futuro melhor.

Lowerthirds: Solange da Silva, professora de educação quilombola.

(MVI6952-11 minutagem 01:00 até 02:16)

- Na educação quilombola a gente faz pesquisa pesquisa sobre os outros quilombos que existem e o nosso aqui que não tinha, né? Agora que saiu o decreto de como gente é um quilombo. A gente conta a nossa história aqui, a gente pega a história dos mais antigos para conversar lá dentro da sala de aula. Eu faço também pesquisa os outros quilombos também, no Zumbi do Palmares que eu faço pesquisa lá, faço perguntas para meus alunos. A gente faz "Tempo Comunidade" também aqui, que a gente vem aqui, trabalha terça, quarta e quinta. Aí tem um dia da que tem que vir na comunidade, que aí eu tenho duas partes, uma com as crianças, em que a gente faz o trabalho com elas e outras com as mães. Aí as mães fazem artesanato e as crianças fazem brincadeiras, algum lanche, a gente faz artesanato para depois mostrar e vender. Nós temos que fazer mais para vender também. Para ter exposição, né, dos nossos produtos ali que a gente faz.

Essa fala da Solange é longa mas importante, precisa editar pra deixar mais fácil a compreensão.

(MVI6952-11 minutagem 03:58 até 04:15)

- Fica difícil, né. Porque a gente aqui não faz nada de errado. A gente quer trabalhar, aí eles não dão oportunidade, daí a maioria vão fazer coisa errada, né? Que não tem oportunidade de serviço, a gente pede, eles não dão. Se falar que a gente mora aqui, eles já ficam ressabiados.

(Escurece a tela, sobe trilha)

Texto na tela:

(Imagens policiais)

“Em 16 de outubro de 2024, por volta das 20h, o 19º Batalhão da Polícia Militar conduziu uma incursão dentro do Quilombo Maria Rosalina em função de denúncias quanto ao porte ilegal de armas de fogo e tráfico de drogas.

Segundo a Polícia Militar, um morador da comunidade com 21 anos de idade foi visto portando uma pistola e abordado pelos oficiais em cena. Após tentativa de fuga, ele foi baleado e morto.

De acordo com a guarnição, o suspeito não acatou as ordens verbais e, ao tentar fugir, disparou contra a polícia, que respondeu com dois tiros de fuzil. Mesmo ferido, o indivíduo continuava armado e mais dois disparos foram feitos contra ele, o levando a óbito.

Conforme informações do batalhão, o suspeito fazia parte de uma organização criminosa e tinha passagem prévia com a polícia. No local, foram encontradas uma pistola calibre 9mm, um revólver .38, além de munição para ambas.”

**Checar data do ocorrido e idade da vítima com a Custódia, garantir que não há nenhum conflito de informações.*

(Volta Maria Gorete)

(MVI6945-4 minutagem 10:19 até 10:36)

- Meu sobrinho foi alvejado por trás. Não foi por frente. Dizem que mandaram ele parar e ele pulou a janela, correu. Mas ele correu porque achavam que ele estava armado.

(MVI6945-4 minutagem 12:09 até 12:16)

- Mas primeiro acertaram a perna, tá? A perna e a bunda. Pra depois chegar e...

Mostrar gesto

(MVI6945-4 minutagem 12:38 até 12:41)

- Por que não pararam? Por que deram a queima-roupa?

(MVI6945-4 minutagem 13:15 até 13:24)

- Aí depois vão pra rádio falar mal, que limparam. Limparam o que? Uma mãe que chora até hoje.

(MVI6945-4 minutagem 13:34 até 13:44)

- Ninguém estava esperando. Eu dúvida **mostrar ela apontando para as crianças** que se eles veem também eles também não vão sair correndo. Aí vão começar a matar criança também?

(MVI6945-4 minutagem 13:55 até 14:00)

- Aqui mora crianças. Aqui moram velhos. Aqui moram pessoas doentes.

(MVI6946-5 minutagem 00:46 até 01:06)

- Aí com tudo isso eu fiquei doente de novo. Atacou tudo, eu já tava boa fazia cinco anos, cinco anos que eu não ia mais no hospital, cinco anos sem isso aqui **mostrar gesto**. O susto mata.

(Volta Custódia)

(MVI6940-5 minutagem 16:34 até 16:46)

- Daí porque deixam eles lá jogados, né. Aí porque lá “tem droga”, lá tem isso, tem aquilo, mas não fazem nada pra mudar.

(Imagens da casa da Maria Delurdes sem falas)

(Entra Maria De Lurdes)

(MVI6956-15 minutagem 00:02 até 00:23)

- Meu bisavô, a minha família toda é daqui. Aí morreram aqui, a gente foi ficando, eu casei aqui, criei meus filhos aqui, tenho sete filhos. Tenho 63 anos, vou fazer 64. E e a gente tá vivendo aqui, tem oito bisnetos e 25 netos.

Lowerthirds: Maria De Lurdes, remanescente da comunidade

(MVI6956-15 minutagem 00:43 até 00:45)

- Sou irmã do Barriga.

(Imagens do Barriga)

(MVI6956-15 minutagem 00:50 até 01:28)

- Eu cuido dele. Era minha irmã que faleceu, que se estivesse viva tava com 72 anos. Ela que cuidou dele, quase a vida inteira, né? E daí ele ficou comigo, eu que cuido dele, levo para o médico. Só que ele anda muito na rua, assim, ele é doente, né? Toma remédio. E eu interno, quando tem vaga, eu interno ele. E esse problema dele, até ele conversou ali com vocês, ali apareceu, né? Tá aí ele, ó. Ele gosta de vir aqui pegar um cigarrinho. E esse é o meu irmão.

(MVI6956-15 minutagem 01:52 até 01:56)

- Ele fez 58 anos.

(MVI6956-15 02:32 até 02:36)

- Agora eu quero ver se consigo outra internação para ele. Que ele não pode estar assim na rua.

(MVI6956-15 02:56 até 03:25)

- Quando ela sai, ele vai pro centro, lá ele pede e se dá um trocadinho ele já sai, se não der ele cisma que quer. É igual aqui em casa. Se ele vem aqui e pede alguma coisa, se eu digo que não tem, ele grita. Tá bravo, quer avançar. Então a gente já pega e faz alguma coisa para ele se acalmar. Conversa com ele, diz que não é isso, não é assim, que eu não tenho, ou se tenho, eu dou.

(MVI6956-15 minutagem 03:26 até 03:53)

- Se não é meu marido aqui, o Mussum, meu esposo... Ele respeita muito o Mussum, ele diz "não, não é assim, Barriga. É assim, assado. É a tua irmã, só tem ela por ti aqui." Aí ele pega, escuta. Daí ele veio aqui, almoçou e disse: "mana, me dá o remédio, que eu quero tomar o meu comprimido. Que eu tô vendo que eu tô ruim". Ele diz: "Eu não tô bem". Aí eu peguei e dei o remédio para ele.

(Imagens de incêndio)

Texto na tela

"Em 11 de setembro de 2018, um incêndio tomou conta da casa onde Lindomar de Assunção, conhecido em Araranguá como 'Barriga', frequentador das ruas e praças da cidade, morava. As chamas se espalharam para a casa da irmã.

O incêndio assustou os moradores e devastaram as residências. O senso comum era que o fogo foi ateadado propositalmente por Barriga."

**Confirmar nome e data*

(MVI6956-15 minutagem 04:18 até 04:23)

- Essa casa aqui é nova, nem terminei. Porque foi queimada.

(MVI6956-15 minutagem 04:27 até 04:28)

- Aqui mesmo, nesse chão.

(MVI6956-15 minutagem 04:31 até 04:58)

- Ele não botou fogo. Tira comentários externos Ele assim, como ele chegou aí, ó mostrar gesto, pegou o palheiro e fez o palheiro e coisa e na varanda dele, era com o lado da caminho aqui, ó, aqui desse lado, era de madeira. E ele fumava palheiro, usava lá, né? E daí ele deixou a vela acesa e a janela aberta. E o vento pegou na janela. Mas nós não vimos nada.

(MVI6956-15 minutagem 05:16 até 05:20)

- Queimou tudo. Perdemos tudo. Só saímos com a roupa do corpo. Ainda tenho o jornal ali.

(MVI6956-15 minutagem 06:02 até 06:26)

- Meu marido, ele é muito conhecido, era jogador de Araranguá, profissional. E daí o que ajudou foi o Aloísio. O jogador. Ele mandou um dinheiro de lá **pode cortar ela falando do valor em dinheiro**, para ajudar a fazer a casa. E município, né, os amigos dele, cada um ajudou, telha, tijolo, as coisa tudo assim.

(Mostrar fotos do Mussum, os prêmios, e algum corte do Aloísio)

(MVI6956-15 minutagem 08:30 até 08:41)

(Voltar pra imagens do Barriga)

- Nada confirma que ele sabe. Se não, ele dizia assim: "ó, mano, aí fui eu". Ele disse que não lembra, ele diz que não sabe.

(MVI6956-15 minutagem 08:49 até 09:09)

- Ai eu queria uma internação para ele. Pra não deixar ele na rua. A gente vai atrás dele, ele volta, me engana. Às vezes toma remédio, às vezes não toma. E eu dou remédio para ele, quando ele quer melhorar mesmo, ele toma. Mas ele quer andar, ele anda muito. Só para para dormir mesmo.

(MVI6956-15 minutagem 09:23 até 09:48)

- Agora ele tá bonzinho, calminho. Agora ele está me entendendo mais. Ele entende o meu marido, Mussum, né? Aí o Mussum assim: "não Barriga, tem que cuidar da tua irmã, tua irmã já está velha, está doente", porque me deu um AVC já, né? É, e daí eu disse para ele: "o dia que eu partir desse mundo, quem é que vai ficar te cuidando? Ninguém vem. Vai ficar numa clínica pro resto da vida". Se tiver uma clínica, né?

(MVI6956-15 minutagem 11:21 até 12:05)

- Eu queria que eles internassem. Um pouco, né? Ficasse um pouco, vinha assim bom, tivesse alta. Mas também eu queria num lugar não tão longe que eu não vejo ele. Outra vez internaram ele lá perto de Curitiba. Aí a minha filha que me levou lá. Aí chegou lá nessa clínica, quando ele me viu, ele não queria nem que a gente chegasse perto dele. Aí eu perguntei: "por que que tu não quer? Não, eu tô cheirando ruim, tô cheirando ruim. Não chega perto de mim". Mas tava mesmo. Nessa clínica que eles internaram, na frente era bonito. Atrás, feio de vida.

(MVI6957-16 minutagem 00:50 até 01:14)

- A gente é quilombola. Da família da minha mãe, do meu pai, são lá das antigas que vieram. Eu nasci aqui, me criei aqui aqui, vai fazer 50 anos que eu sou casada. Meu marido vai fazer 65 anos, né? A gente na época a gente casou tudo novo. Eu tinha 15 anos e ele tinha 16 e estamos até hoje.

(Volta Custódia)

(MVI3984-4 minutagem 13:06 até 13:14)

- E a gente sofre muito. Aí vai na prefeitura, vai qualquer canto, qualquer lugar. Eles não atendem a gente direito.

(MVI3940-5 minutagem 16:05 até 16:31)

- Olha ali tem que melhorar muita coisa, né. Tem esgoto a céu aberto, as ruas estão bem estragadas. Que o prefeito, esses maiores aí, tivessem um olhar diferente lá pra dentro né? **Dar uma editada nessa fala pra facilitar compreensão no final.**

(Entra Elizama)

(MVI6959-18 minutagem 02:21 até 02:46)

- A prefeitura não entra aqui para limpar. A turma que tem que pegar, se reunir, pegar e limpar. Eles não entram aqui. O esgoto também, né? Muitos aqui falaram também do esgoto, que tem casa que às vezes quando tranca, sobe tudo para cima. E assim, quando vem alguém de alguma coisa aqui, tipo na Páscoa, eles não entram aqui em dentro por conta e por causa que aqui fala que eles tem bandido, que tem isso, que tem aquilo, aqui tá que todo mundo é trabalhador.

Lowerthirds: Elizama da Silva de Souza, moradora da comunidade

(MVI6959-18 minutagem 00:25 até 00:36)

- Quando a gente vai procurar um serviço tu fala que tu mora aqui que é muito preconceito, tu não consegue até hoje, eu tô desempregada por conta disso. **Aqui tem um pouco de latido no final, tem que ver se dá pra tirar ou se não atrapalha.**

(Entra Juçara)

(MVI6954-13 minutagem 00:56 até 01:06)

- De tu ir em um lugar pedir um serviço, dizer que tu é moradora daqui, tem que às vezes omitir, não pode falar tudo. Tipo, “eu moro na Vila São José”. **Mostrar gesto**

Lowerthirds: Juçara Lopes Maciel, moradora da comunidade

(MVI6954-13 minutagem 02:49 até 03:43)

- Aqui é um lugar esquecido. Eles limpam a cidade toda, eles varrem a cidade toda. Eu não sei porque eles não entram aqui e varrem a nossa rua. Sendo que agora é aberta, qualquer pessoa passa. O do lixo, é muito descaso o nosso lixo, né? Aqui atrás tem um lixão porque eles não levam o lixo grande, a gente tem que deixar aqui atrás. Tem que esperar quase um ano que tá a coisa mais feia do mundo para eles virem poder, a gente tem que ir lá reclamar bastante tempo. Se quer uma luz, a gente tem que ir lá falar bastante, reclamar bastante para eles virem e arrumar essa luz depois de muita reclamação, tipo o nosso esgoto. Esse nosso esgoto tem a minha idade, 30 anos. Volte e meia, começa a voltar tudo para dentro das casas, a gente já foi lá, já reclamou, já mostrou foto de casa com criança especial que tá nadando no nas fezes, mas mesma coisa de nada. Daí quando tiver perto de uma eleição eles vão arrumar, né?

(Entra Rosa)**(MVI6950-9 minutagem 02:14 até 02:33)**

- Antigamente não tinha esgoto. Antigamente não tinha água encanada, tinha um poço aqui no meio, era onde a turma... Então quem foi crescendo que pode sair, saiu, dos mais velhos ficaram, né? Mas tem os que morreram também.

Lowerthirds: Rosa Maria Anacleto, originária da comunidade, irmã da Custódia.**(MVI6950-9 minutagem 00:44 até 00:55)**

- Mas a gente sempre vem, né? Uns saíram e os outros continuam aqui também. Mas a gente sempre vem, né? Quando eu posso eu tô sempre aqui junto com a com a Tóda, mas a gente vem aqui, né? Porque ainda tem, né? Tem parente ainda, né? A gente tem parente aqui ainda.

(Volta Custódia)**(MVI6940-5 minutagem 18:31 até 18:35)**

- Mas eles tão fazendo de tudo pra tirar a comunidade dali. De tudo.

(Volta Maria Silesia)**(MVI6943-2 minutagem 02:02 até 02:07)**

- Eles falam, né, que vão tirar, não sei quê, não sei quê. Mas nunca tira, isso aqui é nosso.

(Volta Antônio)**(MVI6932-3 minutagem 05:16 até 05:38)**

- Quem que vai tirar? É, quem vai se atrever? O município vai fazer alguma coisa? Pelo amor de Deus, né? Aí não, né? Que bote infraestrutura para melhorar a qualidade de vida deles? Toda possível? Sim. Tirar, não. **Tem algumas vezes no fundo dessa parte que precisa tirar**

(Volta Maria de Lourdes)**(MVI6956-15 minutagem 00:07 até 00:25)**

- É, eu queria que melhorasse a rede esgoto, a um negócio para crianças brincar, a limpeza da comunidade, né? Que eles em essa prefeitura dessem mais atenção, que o prefeito não tá não nunca deu atenção aqui para cá. É bem difícil.

(Volta Maria Silesia)**(MVI6943-2 minutagem 08:43 até 09:05)**

- Eu gosto muito daqui de morar aqui, em Araranguá. Sabe? Que eu tenho a minha família, minha família é grande. Só neto tem 37 neto, neto e bisneto tem 20 e pouco, 27. Eu peço que daqui para frente melhore mais, né? Do que é que está, né?

(Volta Juçara)

(MVI6954-13 minutagem 06:09 até 06:22)

- Araranguá, a gente é de carne igual vocês, a gente quer trabalho igual vocês, então eu só queria um pouquinho de respeito e ser conhecido. Só isso.

(Volta Elizama)

(MVI6959-18 minutagem 04:38 até 04:49)

- Aqui a gente é todo mundo é ser humano, aqui tem amor, tem carinho, aqui é todo mundo família. A gente só quer o melhor que as pessoas não pense que... **Deixar a pausa dela** Ai, é difícil.

(Sobe a trilha)

(Imagens da vida no quilombo, pessoas rindo, conversando, brincando)

(Encerramento e créditos)

Tempo em fala total: 1812 segundos (Cerca de 30 minutos, somando o visual e deixando as falas respirar deve chegar aos 40 minutos, de preferência)

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM DE MENORES DE IDADE

Eu, _____, portador(a) do RG nº _____ e CPF nº _____, responsável legal pelos(as) menores abaixo identificados(as), autorizo, de forma livre e esclarecida, o uso da imagem dos(as) mesmos(as), captadas durante a oficina realizada no dia 18 de outubro de 2025, no Quilombo Maria Rosalina, em Araranguá (SC), promovida pelo grupo Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nome(s) da(s) criança(s)/adolescente(s):

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Autorizo que as imagens e/ou áudios possam ser utilizados exclusivamente para fins educativos, acadêmicos, científicos, jornalísticos e culturais, em publicações impressas, digitais, audiovisuais e/ou redes sociais institucionais vinculadas ao JAC e à UFSC, vedado o uso comercial ou qualquer finalidade que possa ferir a dignidade, a integridade ou o bem-estar dos(as) menores retratados(as).

Declaro estar ciente de que:

- A participação é voluntária, não gerando qualquer ônus ou benefício financeiro;
- As imagens e vozes dos(as) menores não serão utilizadas para fins nefastos, discriminatórios ou contrários à ética e aos direitos humanos;
- O uso das imagens respeitará o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018);
- Posso revogar este consentimento a qualquer momento, mediante solicitação por escrito ao grupo Jornalismo e Ação Comunitária (JAC/UFSC).

Por estar de acordo com os termos acima, assino o presente termo em duas vias de igual teor e forma, para que produza os efeitos legais cabíveis.

ANEXO A – FICHA DE TCC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2025.2	
ESTUDANTE/S	Natan Batista Balthazar	
TÍTULO	Maria Rosalina: Passado, Presente e Futuro da Comunidade Quilombola de Araranguá	
ORIENTADOR/A	Isabel Colucci Coelho	
MODALIDADE	X	Prática editorial jornalística
		Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
		Prática de pesquisa
FORMATO	X	Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio
		Vídeo/ TV
		Foto
	X	Multimídia
Local de apuração	X	Florianópolis
	X	Santa Catarina
		Brasil
		Internacional / País: _____
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim [X] Não []	
	Em caso afirmativo indique o suporte técnico/serviço contratado para o trabalho	Contratação de profissionais para execução de uma página web. Execução de uma oficina mediada pelo grupo Jornalismo e Ação Comunitária (JAC).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) descreve o desenvolvimento e execução de uma série de reportagens jornalísticas sobre o Quilombo Maria Rosalina, localizado em Araranguá, Santa Catarina, conhecido na cidade como “Buraco Quente”, nome popular que carrega uma carga histórica de estigmatização e preconceito, associado à ideia de pobreza e carência. O produto final, que também se materializou no desenvolvimento de página web, busca reconstruir a trajetória do quilombo, resgatando sua origem, memória coletiva, lutas por reconhecimento e os desafios enfrentados por seus moradores, especialmente no que diz respeito à discriminação territorial, ao acesso a direitos básicos e ao apagamento histórico-cultural. A série de reportagens dá destaque a três momentos na construção de um “perfil” do Quilombo Maria Rosalina: passado, presente e futuro, que formam seus três atos. O trabalho foi realizado através da realização de entrevistas com lideranças locais, moradores antigos, pesquisadores e representantes de órgãos públicos, além da apuração documental e de campo, com o objetivo de garantir uma cobertura sensível, precisa e ética. O conteúdo é estruturado em formato de três reportagens, com ênfase no texto escrito, complementado por fotografias. Ao abordar a história do Quilombo Maria Rosalina sob uma perspectiva de reconstrução e valorização, este trabalho pretende contribuir para o fortalecimento da memória social da comunidade e para o debate público sobre racismo estrutural, exclusão urbana e direito à terra.

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, **Natan Batista Balthazar**, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 20201736, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MARIA ROSALINA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARARANGUÁ** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 04 de dezembro de 2025

Insira neste espaço
a assinatura

Natan Batista Balthazar

045.987.059-90